

SIMPÓSIO 13

VARIAÇÃO E MUDANÇA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E ASPECTOS DA SÓCIO-HISTÓRIA

A língua portuguesa, no Brasil, se particularizou, através de traços morfossintáticos, lexicais, e fonéticos, resultante de um processo que envolveu séculos de transformação. A partir do século XX, com o advento da sociolinguística e de outras áreas da linguística, foi possível desenvolver, mormente na segunda metade desse século, pesquisas que se utilizassem de metodologias e de análises de dados, trazendo resultados objetivos e confiáveis. Assim é que muito conhecimento tem sido produzido, a partir de então, sobretudo visando à obtenção de dados elucidativos sobre a constituição histórica do português brasileiro. Já há um acúmulo muito grande de conhecimento, tanto no nível da morfossintaxe, do léxico, da fonética, além do que as pesquisas no âmbito da sócio-história têm apresentado. O que tem se evidenciado é que o português brasileiro apresenta diferenças significativas em relação ao português europeu, considerando-se que, até meados do século XVIII, predominou um multilinguismo generalizado no território brasileiro. A partir da segunda metade desse século, com a política pombalina, que torna o português língua oficial do Brasil, e de outras ações, passou-se ao uso corrente da língua portuguesa, já com características bem próprias. Mattos e Silva (2004, p. 58) sugere que: “Para recuperar uma história do português brasileiro, teremos de reconstruir uma história social linguística do Brasil: uma sociolinguística histórica ou sócio-história linguística e uma história linguística, ou seja, a das mudanças linguísticas que fizeram e fazem o português brasileiro ter as características que tem, o seu perfil próprio, a sua gramática.” O grupo que ora se propõe tem como objetivo congregar pesquisadores de várias regiões com interesse na área da Variação e da Mudança linguística com estudos nos diversos campos da linguagem (sociolinguística, sócio-funcionalismo, crioulística, etc) com vistas a contribuir para a reconstituição da sócio-história do Português Brasileiro.

COORDENAÇÃO

Norma da Silva Lopes

Universidade do Estado da Bahia

nlopes58@gmail.com

Emília Helena Portella Monteiro de Souza

Universidade Federal da Bahia

emiliahelena.pm@gmail.com

A PREPOSIÇÃO NI EM VITÓRIA DA CONQUISTA- BA: CONTEXTOS E IMPLICAÇÕES.

Maria Bethânia Gomes PAES (UNEB)²²⁰
Norma da Silva LOPES (UNEB)²²¹

Resumo: Analisa-se nesta pesquisa o uso da forma *ni*, variante da preposição *em*, na fala de Vitória da Conquista- BA, com o objetivo de definir os condicionamentos sociais da utilização da referida forma. Faz-se um mapeamento considerando-se a interferência das variáveis sociais idade e escolaridade na utilização da variante, utilizando-se os pressupostos da Sociolinguística Laboviana. O *corpus* oral de análise foi constituído por entrevistas com falantes de diferentes níveis de escolaridade e idade. Conclui-se que os falantes da faixa etária 3 são os que mais utilizaram a forma, o que remeteria a fases pretéritas da formação linguístico-populacional de Vitória da Conquista.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação. Formação linguístico-histórica.

1. Introdução

A preposição *em* denota valores como lugar, situação, tempo, modo, destinação, nova natureza de um ser e estado na Língua Portuguesa, conforme Bechara (2009, p. 315-316). Cunha e Cintra (2001, p. 555) conceituam a classe das preposições como “as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração [...]”. Em orações como “Estarei em Salvador amanhã.”, ou ainda “Pagarei em espécie.”, têm-se informações acerca do lugar/modo relacionado ao sujeito desinencial *eu* e à locução adverbial de modo *em espécie*, respectivamente. No que se refere ao Português Brasileiro- PB- é comum na fala espontânea dos falantes o uso da variante *ni*, variação da preposição *em*. Ferrari (1997, p. 121) afirma tratar-se de uma variante já citada em estudos dialetológicos, relacionada ao falar rural, mas presente no falar de várias partes do Brasil, inclusive em centros urbanos.

O interesse do presente estudo surgiu da observação de uma notória ocorrência do *ni*, uma variante da preposição *em*, em Vitória da Conquista, localizada no sudoeste baiano. Nota-se um uso recorrente da referida variante nas produções orais de pessoas nascidas naquela cidade, de diversos grupos sociais ou do nível de escolaridade. São observadas realizações, a exemplo de:

(1) De olho *ni* uns cursos técnicos. (De olho *em* uns cursos técnicos.) [informante r; faixa etária 1; ensino Fundamental]

(2) Nem *ni* meu noivado foi. (Nem *em* meu noivado foi.) [informante b; faixa etária 1; ensino Médio]

(3) Ela, *ni* uma semana, resolveu sair. (Ela, *em* uma semana, resolveu sair.) [informante j; faixa etária 1; ensino Superior]

A importância dessa investigação linguística está no fato de sua realização possibilitar o conhecimento da comunidade, bem como apontar e compreender os elementos que

²²⁰Mestre em Estudos de Linguagem- PPGEL/ UNEB. Membro dos Grupos de Pesquisa “Fala e Contexto no Português Brasileiro” (UNEB) e “Linguagem e Educação” (UESB). Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Email: bethapaes@yahoo.com.br

²²¹Doutora em Letras e Linguística- UFBA; Professora Titular - UNEB/Campus I. Líder do Grupo de Pesquisa “Fala e Contexto no Português Brasileiro”- UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa “Grupo de Estudos Africanos e Afrobrasileiros em Línguas e Culturas.”- UNEB. Salvador, Bahia, Brasil. Email: nlopes58@gmail.com

favorecem as variações da preposição EM na população estudada. O procedimento de conhecer a comunidade e identificar os elementos propiciadores de variação é de suma importância para a compreensão do mecanismo linguístico, em especial a Língua Portuguesa, uma vez que as variações percebidas nas línguas não ocorrem de forma aleatória, mas são condicionadas por elementos da própria língua, associados a fatores extralinguísticos.

Portanto, a hipótese proposta nessa pesquisa é de que há fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha das variantes *ni* e *em* nas realizações dos falantes nativos de Vitória da Conquista- BA.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: seguida desta introdução, tem-se a apresentação dos pressupostos teóricos que nortearam o trabalho; o percurso histórico da formação do Português Brasileiro, importante para o entendimento de alguns fenômenos de variação linguística, é o foco da terceira seção; na quarta seção, considerações sobre a preposição *em* e a forma *ni* e estudos anteriores envolvendo essa variante serão abordadas; a metodologia adotada na pesquisa e suas implicações serão assunto da quinta seção; na sexta seção, faz-se a análise dos dados. Por fim, apresentam-se as Considerações Finais a respeito de todo o trabalho.

2. Pressupostos Teóricos

A Sociolinguística caracteriza-se pelo trato das questões relacionadas à variação e à mudança linguística, considerando que as alterações na língua relacionam-se à dinâmica da sociedade. É uma subárea da Linguística que supera, portanto, a teorização estruturalista da língua, uma vez que considera em seus estudos o falar natural e as formas linguísticas utilizadas pelo falante no ambiente social em que atua. É uma ciência interdisciplinar, uma vez que realiza estudos na fronteira entre língua e sociedade, voltando-se para o uso concreto da língua, sobretudo os fatos linguísticos marcados pela heterogeneidade, conforme Mollica (2010, p. 10).

Assim, Labov (2008[1972]), ao desenvolver na década de 1960 os estudos sociolinguísticos variacionistas, assumiu uma postura científica que considera que pensar nas formas linguísticas utilizadas pelos falantes em seu convívio em determinadas situações, com diversas pessoas, implica pensar falantes inseridos em sociedades caracterizadas por inúmeros indicadores sociais (exclusão, inclusão, estabilidade, mobilidade) que condicionam a fala de uma comunidade e favorecem a variação linguística, graças à “variação” presente nas relações sociais. A linguística laboviana tornou-se sinônimo do estudo de variação e mudança linguísticas, e o sociolinguista interessa-se justamente em sistematizar a heterogeneidade, a fim de explicar o fenômeno da variação linguística em uma comunidade de fala.

3. Formação do Português Brasileiro

O Português Brasileiro, doravante PB, é alvo de muitos estudos por linguistas brasileiros e estrangeiros. Tal interesse pode ser atribuído ao fato de se tratar de uma variedade da língua portuguesa diferente da praticada em Portugal.

Naro e Scherre (2007, p. 25) resumem a origem do Português Popular do Brasil com a expressão “confluência de motivos”, oriunda de forças de origens européia, e dos continentes americano e africano, descartando, porém, que tal contexto histórico tenha dado origem a um suposto crioulo de base lexical portuguesa, uma língua praticada por uma comunidade surgida em contextos específicos a partir de modelos de segunda língua.

A nação portuguesa impôs um eficaz instrumento de poder, sua língua, aos povos que habitavam ou viessem habitar o Novo Mundo. Naro e Scherre (2007, p. 26) lembram a presença de árabes no território lusitano entre os séculos VIII e XI, além do contato direto dos

portugueses com povos da Europa, do Norte da África e do Oriente Médio durante toda a Idade Média por conta das Cruzadas. Tais acontecimentos exigiram o desenvolvimento de alguma estratégia linguística que propiciasse a comunicação em meio a tantas línguas de contato, originando o *sabir*, sistema verbal de base lexical românica, flexível, de forma que os itens lexicais de diversas línguas românicas pudessem a ele se adequarem. Assim, quando os primeiros contatos entre Portugal e Brasil ocorreram, no século XVI, os portugueses já haviam desenvolvido uma estratégia de comunicação com estrangeiros, que consistia em um sistema verbal utilizado durante as primeiras explorações na África Ocidental, a qual, segundo Naro e Scherre (2007, p. 27) foi denominado “língua de preto”.

Naro e Scherre (2007, p. 29-30) sintetizam um panorama linguístico inicial, uma comunidade com línguas dos diversos grupos influenciando-se, na qual havia “predomínio do *pidgin* tupi, nos termos de Silva Neto (1986), ou da língua geral paulista, nos termos de Rodrigues (1996); influência mútua das diversas línguas no contexto de aprendizado do português, da língua geral e de outras línguas como segundas línguas; e de elementos pidginizantes vindos da Europa” (NARO e SCHERRE, 2007, p. 30). Soma-se a esse quadro, a população numerosa de origem africana no Brasil, os quais falavam aqui línguas diferentes entre si, a língua geral ou o português, mas a literatura não registra a existência de um *pidgin* ou crioulo de base lexical portuguesa. Alguns estudos, ainda segundo Naro e Scherre (2007) apontam que os brasileiros de origem africana faziam uso do português com uma relexificação africana, o que explica, segundo eles, a forte influência lexical das línguas africanas no português do Brasil.

4. Considerações sobre as variantes Ni e Em

4.1. A preposição *Em*

Cunha e Cintra (2001, p. 570- 571) afirmam haver dois sentidos referidos pela preposição *em*: movimento e situação. O primeiro, conforme os autores, é utilizado quando a intenção é indicar o alcance de uma situação dentro das dimensões de: espaço, como em “Os Garcias entravam em casa calados.”; tempo, em “Nazário visitava-as de quando em quando.”; noção, em “E a lagoa entrou em festa.”. Quanto à situação, referente à “posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de” (cf. Cunha e Cintra, 2001, p. 570), as dimensões apontadas pelos gramáticos supracitados são: espaço, como em “Trazia no sangue.”; tempo, em “Tudo aconteceu em 24 horas.”; noção, em “... toda a povoação estava em chamas.”.

Ferrari (1997, p. 123) afirma que a preposição *em* pode ser entendida como uma palavra locativa que “manifesta uma tendência de abstratização, seguindo o padrão observado em várias outras línguas, a partir da escala: ESPAÇO > TEMPO > PROCESSO.” (FERRARI, 1997, p. 123)

4.2. A preposição *ni* e alguns estudos sobre a variante

A preposição *ni* não é citada em gramáticas tradicionais, uma vez que é uma forma não contemplada pelos dialetos-padrão do Português Brasileiro. Nascentes (1922 *apud* FERRARI, 1997, p. 123) cita casualmente a variante em um exemplo com vistas a ilustrar uma forma verbal. Já Teixeira (1944 *apud* FERRARI, 1997, p. 124) cita uma cantiga folclórica para registrar o uso do *ni* em cidades goianas, como Jaraguá. Pontes (1922 *apud* FERRARI, 1997, p. 124), mas não apresenta os contextos em que essa variante figura.

Ferrari (1994) investigou o fenômeno de variação da preposição *em* como objeto de sua tese de doutorado, e coletou os dados na comunidade Morro dos Cablocos, no Rio de

Janeiro. A pesquisadora afirma ter concluído que as variantes *em* e *ni* eram usadas de forma alternada na fala da maioria dos habitantes daquela comunidade, não havendo substituição de uma pela outra por parte dos falantes.

Holm (1992 apud Lopes e Baxter, 2011 [2007]) propõe que a forma *ni* talvez seja uma analogia baseada no paradigma da preposição *de* e suas contrações com os artigos definidos o (s), a (as).

Lopes e Baxter (2011 [2007]) consideraram dados coletados por meio de gravações na década de 1990 na comunidade dos Tongas, na África, examinaram e compararam as análises feitas da variação entre *ni* e *em* (com e sem contrações). As análises preliminares feitas por Lopes e Baxter sinalizaram a variante *ni* “como vestígio de fases diacrônicas anteriores e apontam para um condicionamento por parte da semântica do SN”.

5. Metodologia

5.1. A comunidade em questão

Vitória da Conquista situa-se no sudoeste baiano e representa a terceira maior cidade do estado da Bahia, com área de unidade territorial de 3.405,580 km² e população de 306. 866 habitantes, de acordo com dados do IBGE (2010). Fundada em 09 de novembro de 1840, Vitória da Conquista configura importante centro comercial do sudoeste da Bahia e norte de Minas Gerais, influenciando uma população de pouco mais de 2 milhões de pessoas, o que a situa entre os cem maiores centros urbanos do Brasil. Até a década de 1940, a base econômica da cidade era a pecuária extensiva, prática que deu lugar à atividade comercial, favorecida pela abertura da estrada Rio- Bahia (atual BR 116) e da estrada Ilhéus- Lapa, possibilitando a integração do município com outras regiões do estado e do país.



Mapa 01: Localização da cidade de Vitória da Conquista no mapa da Bahia.

Conforme informações colhidas no portal oficial da prefeitura municipal de Vitória da Conquista- PMVC (2012), a cidade teve em sua origem populacional os povos brancos, representados pelos colonizadores que permaneceram na cidade em missões portuguesas para desbravar a região da Bahia; índios das tribos Mongoió (ou Kamakan), Ymboré (ou Aimoré), e Pataxós, cada uma com sua língua e seus ritos religiosos. Os Mongoiós costumavam fixar-se em uma determinada área, enquanto as outras duas tribos circulavam ao longo da região. Os aldeamentos se espalhavam por uma extensa faixa, conhecida como Sertão da Ressaca, que vai das margens do alto do Rio Pardo até o médio Rio das Contas, lugar onde são encontradas hoje comunidades negras, como a comunidade de Cinzento. Alguns estudos sobre a forma de construir as casas das comunidades próximas à zona urbana de Vitória da Conquista, a

plantação de mandioca e milho, a produção de artesanato nos dias atuais, conforme o site da PMVC (2012), afirmam que esses são indícios da ancestralidade indígena: essas comunidades identificadas como negras, na realidade têm origem na miscigenação de índios e negros. Observa-se, ainda hoje, a presença de povos africanos nas proximidades de Vitória da Conquista, constituindo comunidades quilombolas como Velame e Boqueirão, além da comunidade do Cinzento, localizada especificamente no município de Planalto, há 45.1 km de Vitória da Conquista. Conforme texto de Ferreira (*apud* SILVA, 2012), ‘a vinda dos primeiros negros para o Cinzento está associada às comunidades estabelecidas à margem do Rio Gavião’ por volta de 1810 e 1860”, rio este que passa próximo ao território conquistense.

Uma das hipóteses desta pesquisa é de que a ocorrência do uso das variantes *em* e *ni* observadas na cidade de Vitória da Conquista pode ser fruto dos contatos entre os povos na formação populacional-linguística da comunidade conquistense, uma vez que a preposição *em* é descrita na gramática da Língua Portuguesa e a preposição *ni*, não prevista nos manuais, ocorre em variedades africanas do português falado, como observado em estudos de Lopes e Baxter (2011[2007]).

5.2. Coleta e quantificação de dados

A coleta de dados foi obtida em entrevistas com duração média de 20 minutos, registradas por meio de um gravador digital, nas quais foram desenvolvidas narrativas obtidas pela interação pesquisador-informante, a fim de fazer o entrevistado esquecer-se da situação de entrevista gravada e levando-o a expor fatos de sua vida diária com o uso do vernáculo. Para a codificação dos dados, foi utilizado um programa que trabalha com um modelo logístico denominado programas *Varbrul* ou pacote *Varbrul*.

5.3. A constituição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído por 18 entrevistas gravadas e transcritas, produzidas por 18 informantes do sexo feminino, naturais da cidade de Vitória da Conquista. A escolha do gênero/sexo feminino como fornecedor do *corpus* da pesquisa justifica-se pelo fato de tal gênero/sexo ser considerado, nas zonas urbanas, em muitas pesquisas sociolinguísticas, quando comparado ao masculino, como mais conservador da forma valorizada, ou inovador, quando se trata de forma prestigiada. Nesta pesquisa, os dados dos informantes foram organizados em nove células, com dois informantes em cada: três fatores da variável social escolaridade (ensinos fundamental, médio e superior) e três fatores da variável social faixa etária do informante (Faixa etária 1: de 15 a 29 anos; Faixa etária 2: de 30 a 45 anos; Faixa etária 3: de 46 a 70 anos de idade).

5.4. As variáveis consideradas

Como variável dependente, nesta pesquisa, são definidas duas variantes: a ocorrência de *em* e a ocorrência de *ni*, constituindo-se, dessa forma, uma variável dependente binária. Neste texto, são considerados apenas grupos de fatores extralinguísticos (variáveis independentes sociais) que podem explicar as escolhas do falante: escolaridade e faixa etária. Essa seleção dos informantes levou em conta variáveis sociais que hipoteticamente estariam relacionadas à ocorrência da variante *ni*.

Quanto à escolaridade, tem-se inicialmente, a previsão de que os mais escolarizados devam fazer menor uso da variante *ni*, diante do efeito da ação escolar sobre as falas populares, e que essa variante esteja mais presente na fala menos escolarizada, no Ensino Fundamental. E quanto à faixa etária, tem-se a previsão de que a variante *ni* seja mais

presente entre os mais velhos e menos entre os mais jovens, o que poderia se relacionar a fases pretéritas da comunidade em que essa forma fosse de uso mais geral. Como se busca analisar a relação entre o uso dessa forma e a aquisição do português, na região, pela população, a partir de dados de L2, considera-se a possibilidade de a forma aparecer mais no grupo de maior faixa etária.

6. Análise dos dados

A análise dos dados apontou que a variante *ni* é usada pelos falantes de Vitória da Conquista em menor proporção quando comparada ao uso da variante *em*. Em um total de 653 casos envolvendo as duas variantes, a preposição *em* foi utilizada em 619 casos (95%), enquanto o *ni* é empregado 34 vezes (5%). A tabela 1 mostra a prevalência da variante *em* na fala dos conquistenses em relação ao *ni*.

Tabela 1: Variação EM/ NI- análise geral

	Número/Total	%
EM	619/653	95%
NI	34/653	5%
Total	653	100%

6.1. Idade do informante e condicionamento do NI

Uma variável que demonstra exercer influência na ocorrência da variante *ni*, e que foi selecionada pelo pacote *Varbrul* é a <idade do informante>. Conforme a tabela 2, verifica-se que falantes pertencentes à faixa etária 3 realizam em maior número a variante *ni*, o que ocorreu em 10% dos casos (peso relativo .94). Observa-se que o percentual de falantes que fazem o uso do *ni* na faixa etária 2 é mínimo, computando 2% de ocorrências (peso relativo .14). Um percentual de 5% é observado nos falantes da faixa etária 1, com peso relativo .47. O fato de a faixa etária 2 apresentar um menor uso da variante *ni* em relação aos dados de usuários da faixa etária 1 aponta para as exigências sociais, como aquelas ligadas a atividades profissionais, uma vez que é nessa faixa etária que o indivíduo estabelece-se, de fato, no mercado de trabalho. O alto percentual de ocorrências da variante *ni* em falantes de Vitória da Conquista da faixa etária 3 reflete que, em outra fase do português, já houve prevalência de tal variante na comunidade conquistense, e essa faixa ainda documenta ou registra esse fato.

Tabela 2: Idade do informante e condicionamento do NI

	Número/Total	%	Peso Relativo
Faixa etária 1 (15-29)	14/260	5%	.47
Faixa etária 2 (30-45)	4/231	2%	.14
Faixa etária 3 (46-70)	16/162	10%	.94
Total	34/653	5%	

6.2. Escolaridade do informante e condicionamento do NI

A variável <escolaridade> não foi selecionada pelo programa de regras variáveis utilizado, ao verificar-se o condicionamento do *ni*, como apontado nos dados da tabela 3. Os dados indicam que falantes que possuem os níveis Fundamental e Médio de escolaridade têm números próximos, como 7% e 5% de realizações, respectivamente. Os falantes com nível Superior tiveram 5% de realizações da variante *ni*, o que pode evidenciar uma maior tendência dos usuários da língua em monitorar a fala (e reduzir a presença do *ni*) à medida

que têm maior acesso ao ensino institucionalizado. Vale ressaltar que foi observado pelo pesquisador maior ocorrência da variante *ni* na fala de alguns informantes do ensino superior quando não estavam sendo gravados, ocorrendo certo monitoramento da fala diante da presença do gravador. A maior escolaridade dá, ao que tudo indica, ao falante a possibilidade de monitorar mais sua fala em momentos em que esse controle se faz necessário, evitando, assim, o que a desvaloriza (no caso, o *ni*).

Tabela 3: Escolaridade do informante e condicionamento do NI

	Número/Total	%
Nível fundamental	20/277	7%
Nível médio	10/182	5%
Nível superior	4/194	2%
Total	34/653	5%

7. Considerações finais

Labov sempre propôs o entendimento dos mecanismos da língua aliado ao estudo do contexto social, e uma das questões por ele levantadas diz respeito ao lugar da variação social, em que o linguista destaca o social como traços da língua que caracterizavam subgrupos componentes de uma sociedade heterogênea.

Sobre os fatores sociais e a variante *ni* na comunidade conquistense, foram obtidos os seguintes resultados: o fator escolaridade, apesar de não ter sido selecionado pelo *Varbrul*, mostra dados interessantes relacionados à escolha da variante *ni*, uma vez que dos 6 informantes que cursaram o Ensino Fundamental, apenas 1 informante não fez uso de tal variante; dos 6 informantes que cursaram o Ensino Médio, o uso da variante *ni* foi constatado na fala de 3 informantes; dos 6 informantes que cursaram o Ensino Superior, apenas 2 fizeram uso da variante *ni*, o que confirma uma hipótese deste trabalho, de que os mais escolarizados fazem menos uso da variante *ni*, graças ao efeito das instituições escolares diante das falas populares. Vale ressaltar, porém, que a monitoração da fala frente ao gravador, outra decorrência indireta do fator escolaridade, foi percebida nas entrevistas de alguns dos informantes de nível Superior, uma vez que, em conversas não gravadas, notou-se o uso considerável da variante *ni* por parte desses informantes, fator que pode ser atribuído à possível consciência por parte do falante de a variante *ni* não ser contemplada pelas normas aplicadas na escola, representando um fator estigmatizante do indivíduo na sociedade em que vive; considerando os resultados sob a ótica do tempo aparente, ou seja, ao longo das dimensões formadas por faixas etárias dos informantes em questão (Cf. LABOV, 2008 [1972]), tem-se um resultado interessante: o número de informantes da faixa etária 1 (15-29 anos) que faz uso da variante *ni* é de 4 pessoas, num total de 6, número que decresce ao se considerar a faixa etária 2 (30- 45 anos), em que apenas 2 pessoas usam a variante *ni* na atividade comunicativa, havendo um crescimento no número de pessoas que utilizam o *ni* ao se considerar a faixa etária 3 (46- 70 anos), em que novamente 4 pessoas, entre as 6 analisadas, fazem uso da variante *ni*. É possível inferir que em fases pretéritas da comunidade essa forma foi de uso mais geral, hipótese inicial deste trabalho. O fato de as 4 pessoas da faixa etária 3 terem usado em maior número a variante *ni*, quando somados os seus dados, em comparação ao dados somados do uso da mesma variante por parte dos usuários da faixa etária 1, permite confirmar outra hipótese da pesquisa, de que a variante *ni* é mais recorrente na fala de indivíduos mais velhos. Pode-se inferir também, por meio dos resultados obtidos, que a variante *ni* é fruto da formação populacional-linguística da comunidade conquistense, já que há a presença de indígenas e povos africanos nas proximidades de Vitória da Conquista que adquiriram o português como L2.

As poucas ocorrências da variante *ni* (34/399) apontam que, atualmente, não há indicativos de mudança, em que tal variante se sobreporia à variante *em*, sua concorrente na batalha que corresponde ao processo variação-mudança. Os resultados das análises dos fatores linguísticos e extralinguísticos, associados ao uso da variante *ni*, confirmam, portanto, a tese elaborada por Labov (2008) referente aos mecanismos de variação e mudança linguística, já que a variação observada mostra-se relacionada a pressões internas estruturais e sociais, ambas agindo conjuntamente.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do Português Contemporâneo**. Terceira edição revista. Nova apresentação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERRARI, Lilian Vieira. **Variação e cognição: o caso das preposições *em* e *ni* no Português do Brasil**. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/261/274>> Acesso em: 17 ago. 2012.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, Norma da Silva; BAXTER, Alan N.. **O *ni* no lugar de *em*, *no*, *na* etc na fala dos Tongas**. Disponível em: <http://www.google.com.br/#q=as+preposi%C3%A7%C3%B5es+a+fricasas&hl=ptBR&biw=1258&bih=527&rlz=1R2ADFA_ptBRBR413&prmd=ivns&ei=dZYzTaqoLISdlgeQ1ezCQ&start=20&sa=N&fp=ef4aad7a51265d85>. Acesso em: 29 set. 2011.

MAPA da cidade de Vitória da Conquista. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vit%C3%B3ria_da_Conquista> Acesso em: 24 ago. 2012.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 9-14.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. **Concordância verbal e a variável “sexo” em três comunidades linguísticas do interior do Estado da Bahia**. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/viemFile/274/330>> Acesso em: 10 mar. 2013

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em: 18 ago. 2012.
<http://www.pmvc.gov.br/v1/conteudo/9/historia.html> Acesso em: 18 ago. 2012.

A VARIAÇÃO NO USO DO MODO SUBJUNTIVO NO PORTUGUÊS POPULAR FALADO EM FEIRA DE SANTANA

Sônia Moreira COUTINHO (UEFS)²²²

Resumo: Este trabalho se propõe a apresentar uma descrição da variação no uso das formas do subjuntivo e do indicativo no português popular falado em Feira de Santana. A pesquisa apoia-se nos pressupostos da sociolinguística laboviana, e os dados analisados foram extraídos da fala de 12 informantes, que constituem parte da amostra que compõe o acervo do projeto “A língua portuguesa falada no semiárido baiano/Fase 3”, o qual está sediado no Núcleo de Estudo de Língua Portuguesa – NELP/UEFS. Comprova-se que a variação no uso do modo indicativo em contexto do modo subjuntivo configura-se como um processo de mudança em progresso.

Palavras-chave: Morfologia Verbal. Modo Subjuntivo. Português Popular. Variação

1. Introdução

Nas gramáticas tradicionais, o modo verbal é compreendido como a relação que se estabelece entre o falante e seu enunciado. Segundo Cunha e Cintra (1985, p. 463), “entende-se por modo, a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia”. A partir desta concepção, estabelecem uma oposição semântica entre o modo indicativo e o modo subjuntivo. Assim, no modo indicativo o falante considera o fato expresso pelo verbo como *certo, real*, enquanto que no modo subjuntivo o falante encara o fato expresso pelo verbo como uma coisa *incerta, duvidosa, eventual*, ou mesmo *irreal*. Também, o indicativo é essencialmente o modo das orações independentes e das dependentes que indicam um fato real, já o subjuntivo seria o modo das orações subordinadas.

De modo geral, as gramáticas normativas apresentam os modos indicativo e subjuntivo em distribuição complementar, com contextos de usos bem definidos. E os poucos casos de emprego do modo indicativo em contexto do subjuntivo são descritos como exceções. A esse respeito Cunha e Cintra (1985) e Bechara (2009) indicam os seguintes contextos de uso obrigatório para o modo subjuntivo: (i) orações subordinadas substantivas, (quando a oração principal exprime vontade, dúvida, suspeita, desconfiança), (ii) nas orações subordinadas adjetivas (que exprimem um fim que se está prestes a alcançar, uma consequência, um fato improvável, uma hipótese, uma conjectura, uma simulação, um predicado ou uma interrogação negativos), (iii) nas orações adverbiais (causais, concessivas, temporais, comparativas, condicionais e consecutivas).

No entanto, para além do que é preconizado pela tradição gramatical, diversos estudos, sobretudo na área da sociolinguística, têm demonstrado que o uso do modo subjuntivo tem se configurado como um fenômeno bastante variável na fala, com o emprego das formas do indicativo em contextos do subjuntivo, seja em dialetos urbanos ou rurais, como têm comprovado diversas pesquisas na área.

2. Subjuntivo e variação

²²² Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana. Brasil. sonicoutinho@bol.com.br

A variação na morfologia flexional do verbo no português brasileiro, sobretudo na sua modalidade falada, tem despertado o interesse de diversos estudiosos. No bojo dessa questão, a variação no uso das formas do subjuntivo e das formas do indicativo tem se constituindo em objeto de estudo de várias pesquisas, como podemos observar. Santos (2005) investigou a variação em todos os tempos verbais do modo subjuntivo em quatro comunidades rurais afro-brasileiras a partir de amostra de fala colhidas do banco de dados do Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia, também, com base nos dados desse mesmo projeto, Meira (2007) analisou a variação no uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas; por sua vez, Bittencourt (2012) pesquisou a variação no uso das formas irregulares de futuro do subjuntivo em português com base em dados colhidos em entrevistas orais e testes escritos, com falantes da cidade de Santa Catarina; Pimpão (1999) estudou a variação no uso das formas do presente do subjuntivo x presente do indicativo, com base em amostra de fala do banco de Dados do Projeto VARSUL; com dados desse mesmo projeto, Fagundes (2007) pesquisou a variação no modo subjuntivo e indicativo em quatro cidades do Paraná; e Carvalho (2011) investigou a variação no uso do subjuntivo em orações subordinadas substantivas em entrevistas sociolinguísticas, com dados colhidos de informantes do Projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza).

Diante do exposto, este trabalho se propõe a investigar a variação no uso das formas do subjuntivo e do indicativo no português popular falado em comunidades urbanas e rurais, do município de Feira de Santana.

3. Suporte teórico- metodológico

Esta pesquisa apoia-se nos pressupostos da sociolinguística quantitativa laboviana (LABOV, 2008) que postula a relação intrínseca entre língua e sociedade e que a variação é inerente ao sistema linguístico, isto é, a variabilidade/heterogeneidade linguística é um fenômeno presente em todas as línguas naturais. A língua é concebida como um fato social, concreto e que é utilizada por uma comunidade de fala real e heterogênea, na qual a variação pode ser observada não só na fala entre indivíduos, como na fala de um mesmo indivíduo. Assim, em qualquer comunidade de fala é comum a ocorrência de formas em variação, ou variantes linguísticas. Ao determinar a sistematicidade da variação, a sociolinguística assume a postura de que a variação não é livre, mas condicionada por fatores internos (linguísticos) e externos (sociais). Com base nestes princípios, o emprego das formas variantes não se dá de maneira aleatória, mas é determinada por grupos de fatores (variáveis independentes) de ordem estrutural ou social. Estes exercem pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência, ou em outras palavras, para cada variante correspondem certos contextos que favorecem (ou não) o seu uso.

Levando-se em conta estes pressupostos, para análise da variável dependente, desta pesquisa, (uso do subjuntivo x uso do indicativo) foram considerados os seguintes grupos de fatores: (i) linguísticos: forma verbal prevista pelo padrão normativo, regularidade da flexão verbal, tempo do evento (real ou referido) em relação ao momento da enunciação e contexto sintático; (ii) sociais: idade, sexo e localidade (zona urbana e zona rural). Optamos por não controlar a variável escolaridade por se tratar de dados do português popular, e todos os informantes possuem ensino fundamental incompleto.

Os dados analisados foram extraídos de amostras de fala de 12 informantes (ambos os sexos) retiradas do *corpus* do projeto “A língua portuguesa falada no semiárido baiano/Fase 3”, o qual está sediado no Núcleo de Estudo de Língua Portuguesa – NELP/UEFS. Os informantes foram estratificados em três faixas etárias, assim constituídas: faixa I (25 a 35 anos), faixa II (45 a 55 anos) e faixa III (65 anos ou mais). O lapso de tempo estabelecido

entre as três faixas etárias é de 20 anos, correspondente a uma geração, no sentido de se observar o processo de mudança em curso, utilizando-se o recurso do tempo aparente.

Considerando-se os contextos estabelecidos pela gramática normativa como próprios para o uso do modo subjuntivo, foram levantadas todas as ocorrências as quais foram codificadas e submetidas a tratamento estatístico utilizando-se dos Programas *GoldVarb X* (SANKOFF *et al.*, 2005) versão mais moderna do VARBRUL para ambiente Windows, que fornecem pesos relativos associados aos diversos grupos de fatores, bem como a seleção destes grupos em função de sua relevância estatística para a variação do fenômeno analisado.

Assim, foram encontradas 331 ocorrências e selecionados os seguintes grupos de fatores, por ordem de relevância: regularidade da flexão verbal, faixa etária, forma verbal prevista pelo padrão normativo e contexto sintático, com nível de significância .047. Na próxima seção, apresentaremos os resultados encontrados em cada variável explanatória, considerando os contextos que mais favorecem a penetração das formas do indicativo no lugar das formas do subjuntivo.

4. Análise dos dados

Antes de apresentarmos os resultados de cada grupo de fator selecionado, demonstraremos, no quadro abaixo, o resultado do funcionamento geral no uso das formas do subjuntivo *versus* indicativo, na comunidade de fala estudada.

Quadro 1. Frequência geral das formas do subjuntivo *versus* indicativo.

Fator	Nº de oco./Total	Frequência (%)
Forma do subjuntivo	247/331	75%
Forma do indicativo	84/331	25%

Os exemplos extraídos do *corpus* ilustram bem este quadro:

- a) “ Ah, eu quero que eles *alcance* tudo. Que eles *crezca*...”
- b) “ Eu acho que eu gosto de viver em um lugar que eu *chego*...”
- c) “ Se ele *impor* muito tempo”
- d) “Olha, se eu *dizer* a verdade ali, se eu entrei cinco vez entrei muito, eu nunca ... só entrei... Por sinal foi uma, duas, Olha, se eu *dizer* a verdade ali, se eu entrei cinco vez entrei muito, eu nunca ... só entrei... Por sinal foi uma, duas, foi?”
- e) “Meu minino mais velho, a mãe dela, mais agora depois que eu fiquei sem ir, aí nenhum se prontifica a ir. Mais se eu *disser* assim umbora, umbora! Agora o outo nem amarrado.
- f) “Oh, tinha que obedecer, se não *obedecesse* tinha castigo, tinha tudo naquela época tinha palmatória.”

4.1. Variável Regularidade Verbal

Tabela 2. Regularidade verbal

Fator	Nº. de oco./Total	Frequência/%	Peso Relativo
Verbo regular	15/116	13%	.31
Verbo irregular	69/215	32%	.60

Total	84/331	25%	
-------	--------	-----	--

Com esta variável buscou-se verificar a influência da regularidade no paradigma da flexão verbal na escolha das variantes no uso das formas do subjuntivo. Analisando os dados acima, constatamos que o emprego dos verbos irregulares favorece a penetração das formas do indicativo em contextos do subjuntivo, com peso relativo **.60**, considerado relevante, e frequência de 32%.

Os verbos irregulares, como o próprio nome indica, apresentam modificações que os afastam do “padrão regular” de conjugação verbal apresentado radicais e/ou sufixos flexionais alomórficos. Assim, há verbos que alargam o radical, com ditongação (saber/soube); os que acrescentam um fonema ou grupo de fonemas (querer: queira/quiser), os que trocam a consoante do radical (ter: tiver), e os de radicais heteronímicos (for: ser, ir). Há ainda o caso de neutralização entre as formas verbais do infinitivo flexionado e as formas do futuro do subjuntivo (desinência modo temporal -r -re). Todos estes aspectos são complexos e exigem que o falante possua o domínio de uma morfologia mais rica para realização/flexão dessas formas verbais. Exemplos:

- a) “ ... Os menino e as menina brincava não tinha nada; Nada, nada de maldade, de malícia nenima, e hoje em dia não, se *ter* que você deixar uma criança, um caszinho de criança brincando sozinha.”
- b) “Quanta besteira já fez, que não podia fazer, que não devia fazer porque se *tem* consciência dos dez mandamento não precisava nada disso, vivia tranquilo , tranquilissimo, então [inint] é a vida também.”
- c) “...Faz um bocado de... de tapetinho, bocado de toalha que ela não, não pode andar muito porque ela tá com a perna doente, mas ela..._Se ela *dizer* que ela faz, ela faz_“
- d) “Coloco aqui, o peso que aguenta e aí vou fazer, dá pra fazer, uma coisa de segunda, mas, como é que se pode construir um prédio de dez, quinze andar, pra ficar em cima dele, pra segurar em cima se você não *sabe* ler um projeto?”
- f) “Não só presta um dia depois, se a gente *fazer* hoje pa comer amanhã sai mais gostosa.”
- g) “Se eu for ser crente vai me empatar em muitas coisas, e, já católica não... a pessoa faz aquilo que *quer*.”

4.2. Variável forma verbal prevista pelo padrão normativo

Tabela 3. Forma verbal prevista pelo padrão normativo

Forma verbal	Nº de oco./Total	Frequência %	Peso Relativo
Futuro do subjuntivo	58/196	30%	.58
Imperf. do Subjuntivo	12/86	14%	.34
Presente do subjuntivo	14/49	29%	.46
Total	84/331	25%	

Os dados revelam que as formas verbais do futuro do subjuntivo são as que mais favorecem o uso do modo indicativo, com peso relativo **.58** e frequência de 35%. Este fato pode ser explicado pela estrutura morfológica das formas verbais do subjuntivo. Como já foi dito as desinências modo-temporais do futuro do subjuntivo são as mesmas do infinitivo flexionado (nos verbos regulares). No *corpus*, encontram-se várias variadas ocorrências nas quais, em determinados contextos, os falantes utilizam as formas do infinitivo em detrimento

das formas do subjuntivo. A desinência do imperfeito do subjuntivo (-sse) apresenta uma oposição mais proeminente em relação às formas do indicativo (va-/ve, -ia -ie) desfavorecendo a intervenção do indicativo neste contexto. Já as formas do tempo presente do modo indicativo não possuem marca de modo/tempo (morfema Ø), enquanto o presente do subjuntivo apresenta a desinência -e, para os verbos da 1ª conjugação, e -a para os verbos da 2ª e 3ª conjugações. Desse modo é coerente afirmar que as formas verbais do subjuntivo, por apresentarem menos saliência fônica, também desfavorece a penetração das formas do indicativo. Exemplos:

- a) “... rapaz, porque se eu *vou* entrar no lugar que às vezes eu não *vou* poder..”
 b) “Se ele *impor* muito tempo, que ele tá lá, ele não vai aceitar por muito tempo, ele não vai aceitar não. Vai ficar rebelde a vida toda. Ele não aceita não”.
 c) “É. Mesmo com a justiça e o ser humano também não aceita receber pancada. Quanto mais você *dar* pancada, quando você acerta nele aqui, ele desconta em outro lá.”
 d) “Rapaz, eu espero que *pode* melhorar, né?”
 e) “Se ele não *fazer* certo o dinheiro fica todo na firma.”

4.3. Variável contexto sintático

Tabela 4. Variável contexto sintático²²³

Fator	Nº de oco./Total	Frequência	Peso Relativo
Oração adverbial (i)	5/9	56%	.81
Oração substantiva	6/16	38%	.73
Oração principal	2/4	50%	.72
Oração adjetiva	19/55	35%	.63
Oração condicional (iii)	47/204	23%	.45
Oração adv. temporal (ii)	5/32	16%	.35
Total	84/331	25%	

Salientamos que para a análise desta variável, subdividimos as orações adverbiais em três grupos, quais sejam: (i) (concessivas, causais, finais e comparativas); (ii) adverbial temporal, e (iii) condicional com “se”. Os dados indicam que as orações adverbiais (concessivas, finais, causais e comparativas), peso relativo .81, as orações subordinadas substantivas, peso relativo .73, orações principal .72 e orações adjetivas .63, são os tipos de sentenças sintáticas que mais favorecem o uso das formas do indicativo. E as orações condicionais com “se”, peso relativo .45, e as adverbiais temporais, peso relativo .35 são as que favorecem o uso das formas do subjuntivo. Observamos que, contrariando a prescrição das gramáticas normativas, o uso das formas do indicativo nestes contextos sintáticos não se constitui em exceções, pois ocorreu a penetração do modo indicativo em todos os contextos descritos como de uso exclusivo do modo subjuntivo. Exemplos:

- a) “E quero que não *chega*”.
 b) “... rapaz eu espero que *pode* melhorar”

²²³ As orações optativas foram excluídas da análise, já que só encontramos 04 ocorrências na amostra e todas com o uso do modo subjuntivo.

- c) “A gente precisa de uma coisa, do tempo que a gente vive essa violência, a gente precisa de uma coisa que *alegra* a gente,”
- d) “Precisava d’um médico assim pa... pa criança, pra quando uma pobe não *ter* um tostão pra levar na última hora, ser atendido, esse negócio desse posto aí que fez não adiantou nada porque como é que a pessoa vai dormir pra arcançar ainda com oito dia,”
- e) “De vez em quanto ele passava aí, bateno as oreia, tem vez qu’era num sei nem o que. Nesse dia acho qu’ele disse, como quem *disse* o pai saiu vou comer.”

4.4. Variável faixa etária

Tabela 5. Variável faixa etária

Fator	Nº oco./Total	Frequência	Peso Relativo
Faixa I	45/141	32%	.58
Faixa II	23/81	28%	.58
Faixa III	16/109	15%	.35
Total	84/331	25%	

Em qualquer comunidade de fala é comum se perceber que há diferenças entre a linguagem das pessoas mais jovens e das mais idosas. Porém, nem sempre esta diferenciação observada em função da idade do falante consiste em um indicador de mudança linguística. Assim, o estudo em *tempo aparente*, isto é, a observação do comportamento linguístico de pessoas de gerações diferentes, permite verificar se determinado fenômeno linguístico apresenta-se como variação estável ou mudança linguística. Segundo Monteiro (2000, p.132), “o tempo aparente refere-se, pois, ao padrão de distribuição do comportamento linguístico através de vários grupos etários num determinado tempo.” Assim, se o uso da variante inovadora for mais frequente entre os mais jovens, decrescendo em relação á idade dos mais velhos, pode ser indicio de mudança em progresso.

Os dados encontrados nesta variável indicam que os falantes das faixas I e II, ou seja, os mais novos usam mais as formas do indicativo em contextos do subjuntivo (forma inovadora), peso relativo para ambas, enquanto os falantes da faixa III, os mais velhos, usam mais as formas do subjuntivo (variante conservadora), levando-nos a inferir que a variação das formas do formas do indicativo em detrimento do subjuntivo, encontra-se em processo de mudança em progresso, nesta comunidade de fala.

5. Considerações finais

Os resultados gerais desta pesquisa permitem que se faça uma descrição da variação das formas do subjuntivo e do indicativo no português popular falado em Feira de Santana. Constatamos que esta variação é motivada por fatores linguísticos e sociais. Dentre os grupos de fatores linguísticos, a regularidade verbal (verbos irregulares), as formas verbais previstas pelo padrão normativo (formas do futuro), e contexto sintático (orações adverbiais, adjetivas e substantivas) são os que mais favorecem a presença das formas do indicativo em contextos previstos, pelas gramáticas normativas, para o uso das formas do subjuntivo. Dentre os grupos de fatores sociais, a variável faixa etária mostrou-se a mais significativa para análise do fenômeno em questão, evidenciando que os falantes das faixas I e II (os mais novos) utilizam mais as formas do modo indicativo em contextos do subjuntivo, evidenciando mudança em progresso.

Por fim, salientamos que as variáveis linguísticas e a social selecionadas, neste estudo, também têm se mostrado relevantes para a explicação/descrição do processo de variação no uso das formas do subjuntivo *x* indicativo, e corroboram resultados de outras pesquisas, a exemplo das aqui mencionadas, diferenciando apenas em termos de resultados numéricos quanto à sua relevância de acordo com a comunidade de fala investigada.

Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BITTENCOURT, Diana Liz Reis. O uso das formas irregulares de futuro do subjuntivo em português. *Interdisciplinar*, Ano VII, V. 16, jul-dez de 2012, p. 117-130.

CARVALHO, Hebe Macedo. Alternância dos Modos verbais em entrevistas sociolinguísticas: Tipo de verbo, Tempo e Modalidade. *Interdisciplinar*. Ano VI, V.14, jul-dez de 2011, p.65-75

CUNHA, Celso Cunha & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

FAGUNDES, Edson Domingos. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no Estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. 2007. 332 fls. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno & Marta Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEIRA, Vivian. O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro. *Estudos linguísticos*. XXXVI (2), maio-agosto, 2007, p. 409-418.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis. RJ: VOZES, 2000.

PIMPÃO, Tatiana S. *Variação no presente do modo subjuntivo: Uma abordagem discursivo-pragmática*, 1999, 128fls. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

SANKOFF, David, *et al.* *Goldvarb X: a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005. Disponível em <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em 25. out. 2012.

SANTOS, Sônia Moreira Coutinho dos. *A variação no uso do modo subjuntivo no português afro-brasileiro*. 2005. 139 fls. Dissertação (Mestrado em Letras.). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

FORMAS NOMINAIS DE TRATAMENTO DIRIGIDAS ÀS MÃES EM JEQUIÉ-BA

Lucélia de Souza dos Reis SANTOS (PPGEL/UNEB)²²⁴
Norma da Silva LOPES (PPGEL/UNEB)²²⁵

RESUMO: Este trabalho surgiu do interesse de investigar as variadas formas de tratamento dirigidas às mães na cidade de Jequié-Bahia. Portanto, pesquisou-se a utilização das formas nominais: *mãe*, *mainha* e *minha mãe* em diferentes faixas etárias e gêneros. Os pressupostos teórico-metodológicos adotados são os apresentados por William Labov (2008 [1972]), no campo da Sociolinguística Variacionista e os resultados mostram que a forma *mainha* ocorre principalmente entre os mais velhos, indicando um seu possível desaparecimento e as formas *mãe* e *minha mãe* estão sendo mais utilizadas pelos jovens, são, por isso, possíveis substitutas da forma *mainha* na comunidade.

Palavras - chave: Sociolinguística. Variáveis. Variantes.

1 Formas Nominais de Tratamento: uma abordagem variacionista

Dado a extensa utilidade das Formas Nominais de Tratamento (doravante FNT) para os diferentes tipos de interações, Kerbrat-Orecchioni (2011, p.19) as classifica como “poderosos relacionemas”. Elas variam bastante nas diversas situações comunicativas. Além disso, ocorrem determinadas situações em que as mesmas simplesmente não aparecem. Tais empregos ou omissões dessas FNT devem-se à função e aos valores que essas conferem às diversas situações comunicativas nas diferentes culturas nas quais se apresentam.

Kerbrat-Orecchioni (2011), em artigo intitulado *Modelo de variações Intraculturais e interculturais: as formas de tratamento nominais no francês*, utiliza material do projeto ICAR *Intéactions Corpus, Apprentissages, Représentations* da Universidade de Lyon 2, França, para desenvolver sua abordagem tendo como ponto de vista o caráter variacionista das formas nominais de tratamento, uma variação que se apresenta tanto de forma intercultural quanto intracultural.

As formas nominais de tratamento padronizadas que dada língua dispõe são consideradas pela autora como formas de tratamento potenciais, tendo em vista que é por meio do discurso, ou seja, a partir da sua utilização na comunicação, que elas se concretizam como formas de tratamento. As FNT aparecem em diferentes categorias: de pessoas; na forma *Senhor/ Senhora*; títulos conferidos ou herdados socialmente, ou seja, *Mestre, Doutor*; nomes de profissão ou função – *professora, bombeiro, brigadista, encanador*; nas formas relacionais que vão desde os termos parentesco – *pai, mãe, avô* – a outros modos relacionais sociais, como os nomes dirigidos a colegas, amigos e vizinhos – *caro, mano, companheiro*; nas formas afetivas tanto com valor negativo quanto positivo – *idiota, infeliz, imbecil / meu bem, meu amor, querida*; ainda há os rótulos que podem surgir por meio de improviso, para interpelação de um desconhecido, por exemplo – *ô de blazer branco, ô morena*. Para Kerbrat-Orecchioni (2011), uma descrição completa das FNT deve, além de conter todas as unidades que as compõem, fazer também um levantamento das diversas possibilidades de combinações entre as mesmas.

²²⁴ Mestra em Estudo de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Campus I, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: lucelykings@hotmail.com

²²⁵ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Campus I, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: nlopes58@gmail.com

Esse conjunto de possibilidades de FNT que a sociedade dispõe para comunicação se sujeita a determinadas regras que se constroem socialmente muito relacionadas à cultura vivenciada. Portanto, muitas vezes, uma forma de tratamento que confere polidez em dada comunicação pode surgir também, em outro contexto, a fim de instaurar um conflito. Para exemplificar, o *corpus* adotado pela pesquisadora, constituído a partir de conversas entre vendedor e clientes de lojas francesas e as conversas em debates políticos televisivos franceses, evidencia a plurifuncionalidade dessas formas nominais de tratamento. Em suas análises, Kerbrat-Orecchioni (2001) encontrou uma mesma forma, assumindo valores opostos nas duas situações comunicativas analisadas. A forma *Senhor/ Senhora* + sobrenome que nas conversas entre clientes e vendedores das lojas apareceu com um tom familiar, nos debates políticos televisivos apareceu com uma conotação agressiva (cf. KERBRAT-ORECCHIONI, 2011, p.36)

Desse modo, as FNT podem se caracterizar como ambivalentes. Elas se solidarizam à cultura arraigada pelos interlocutores. A depender do contexto social ou cultural, a mesma forma pode corresponder a valores positivos ou negativos. Na perspectiva da autora, o papel do analista seria observar os fatores internos e externos que envolvem a comunicação. Por assim dizer, a observação da contextualização permitiria dizer, por exemplo, se a forma de tratamento nominal em “O que a *Senhorita* deseja?” é utilizada de modo cortês ou sarcástico.

No tratamento com variações interculturais, a autora faz comparação entre o francês, o árabe e o inglês. Comprova-se assim a diferença de valores quanto ao uso das formas de tratamento entre os três falantes. Percebe-se que a diferença linguística também contribui para intensificação da importância da utilização dessas formas de tratamento, já que, no caso árabe, por exemplo, o fato de haver apenas uma forma pronominal favorece maior utilização das formas nominais que os franceses. No tocante aos ingleses, percebe-se que os mesmos utilizam em maior proporção as formas diminutivas com o fim de cortesia.

Diante das discussões de Kerbrat-Orecchioni (2001), descrever e conhecer o emprego, as funções, os valores que norteiam a utilização das FNT consiste num trabalho que parte da coleta de dados linguísticos de usos reais, apoiados aos contextos aos quais se associam. Implica em conhecimento do social e da relação deste com as produções linguísticas. As FNT fazem parte de uma dimensão variacionista que caracteriza a cultura de uma sociedade, por isso mapear e conhecer as FNT utilizadas em determinado localidade é desenhar a referida comunidade e conhecer principalmente o que a mesma possui em comum e distinto das outras comunidades de fala.

2. Cenário da pesquisa

O local onde aconteceu esta pesquisa é um município localizado a uma distância de 360 km da capital, Salvador – Bahia. Conta com uma população de 151.895 habitantes, conforme dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Ocupa uma área territorial de 3.227 km² e possui uma densidade demográfica de 47,07 hab./km². O município faz divisa com a Mata Atlântica ao leste e Caatinga a oeste, possui um clima ameno e agradável em determinadas regiões e quente e seco em outras, e, no verão, chega a apresentar temperatura de 48°C (48 graus centígrados).

Esse território serviu de passagem e habitação de pessoas de diferentes etnias: negros, índios, mineiros, italianos, árabes e nordestinos. A vinda dessa população contribuiu para a formação do povoado e depois para a formação da cidade. Tais pessoas trouxeram consigo sua cultura e os falares de suas regiões. O contato e o entrecruzamento das características dessas diferentes pessoas contribuíram para formação da cultura e surge a hipótese de que podem ter condicionado usos linguísticos hoje existentes na cidade de Jequié.

3. A ocorrência de formas nominais dirigidas às mães em Jequié

Essa pesquisa foi realizada na região urbana de Jequié. O perfil do informante foi de pessoas que nasceram e sempre moraram na cidade e que não passaram mais que um terço do tempo de sua vida fora da cidade. Selecionaram-se 16 (dezesesseis) informantes, distribuídos igualmente em dois grupos etários diferentes: 10 – 14 anos (faixa 1); 18 – 30 anos (faixa 2); dentre eles, 08 (oito) homens e 08 (oito) mulheres. Como variável linguística, verificou-se a ocorrência das variantes em funções sintáticas: vocativo, sujeito e complemento.

Foram utilizados três instrumentos para levantamento de dados: (i) Entrevista D2²²⁶; (ii) ficha de situações; (iii) ficha do informante. A entrevista D2, foi realizada com a participação do informante acompanhado por sua mãe²²⁷; neste caso, ao entrevistador coube a função de indicar determinados temas a serem conversados ou contados pelos dois, a mãe e o informante. Após a entrevista, foi dada ao informante uma ficha de situações diversificadas, na qual ele preencheu as lacunas propostas com as diferentes formas de tratamento dirigidas às mães por ele nas diferentes situações diárias. Para a análise estatística, tomou-se o pacote VARBRUL.²²⁸

De modo geral, a pesquisa identificou o uso mais recorrente das formas nominais de tratamento: *mãe*; *minha mãe* e *mainha*, portanto nos deteremos a mostrar, nesse artigo, a ocorrência dessas variantes de maior destaque. Na coleta de dados, foram identificadas 350 ocorrências totais das variantes como mostrado abaixo:

Tabela 01. Panorama geral das ocorrências das variantes.

VARIANTES	%	DADOS / TOTAL
MAINHA	32%	112/350
MÃE	29%	101/350
MINHA MÃE	26%	90/350

Conforme disposto na Tabela 01, a variante *mainha* aparece em 32% das ocorrências das formas nominais na fala dos participantes. É a variante com maior taxa de uso na comunidade. Em segundo lugar aparece a forma *mãe* com 29% das ocorrências. Em terceiro, encontra-se a forma nominal *minha mãe* com 26% das ocorrências.

De acordo os dados da Tabela 01, apesar da existência de outras formas nominais de tratamento para se dirigir às mães, a variante *mainha* é a mais recorrente na fala dos entrevistados. Contudo, observa-se a proximidade da porcentagem da ocorrência da variante *mainha* (32%) às taxas de ocorrência das variantes *mãe* (29%) e *minha mãe* (26%). É nesse contexto que se insere a importância da análise da atuação das variáveis sociais e linguísticas.

3.1 Variante *Mãe*

Ao analisar a atuação das variáveis independentes com relação à variante *mãe*, contrapondo-a as outras variantes pesquisadas, em uma análise binária, o programa de regras variáveis – VARBRUL – selecionou as variáveis: função sintática e faixa etária, discutidas a seguir.

²²⁶ Diálogo entre dois informantes.

²²⁷ Mãe do informante equivale tanto a genitora quanto a mãe adotiva do informante.

²²⁸ Programa de regras variáveis que realiza estudos estatísticos, possibilitando a visualização de porcentagens e pesos relativos de cada fator das variáveis controladas no estudo.

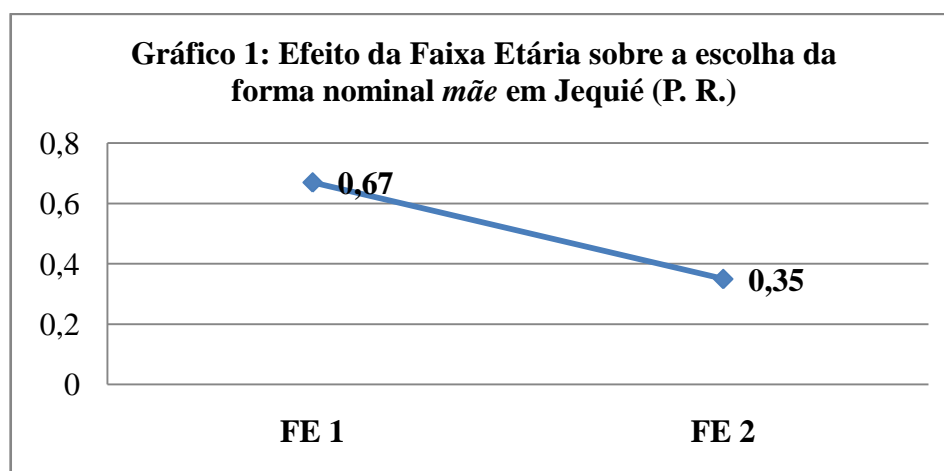
Tabela 02. Condicionamento da função sintática na escolha da variante *mãe*.

VARIÁVEL		Dados/Total - %	Peso relativo
FUNÇÃO SINTÁTICA	VOCATIVO	143/242 – 41%	.76
	SUJEITO	02/90 – 2%	.04

Com relação à variável função sintática, entende-se, por meio da Tabela 02, que o uso da forma *mãe* é mais recorrente em função vocativa. Constata-se uma distinção considerável entre o peso relativo da função vocativa (.76) e o peso relativo da função sujeito (.04). Inferese, então, que a função vocativa favorece o aparecimento da variante *mãe*. Quanto ao uso da variante *mãe* com outras funções, não houve qualquer ocorrência na fala dos indivíduos pesquisados. Observando-se, ao lado do peso relativo, também a frequência, pode-se afirmar que essa variante, em Jequié é a variante escolhida para contextos de vocativo.

Tabela 03. Efeito da faixa etária na escolha da variante *mãe*.

VARIÁVEL		Dados/Total - %	Peso relativo
FAIXA ETÁRIA	FAIXA 1	74/165 – 47%	.67
	FAIXA 2	27/187 – 15%	.35



Com relação à faixa etária, o grupo 1, formado pelos mais jovens, se mostrou muito mais usuário da forma nominal *mãe* (P. R. .67) que os falantes do grupo 2 (P. R. .35). Assim, por apresentar peso relativo consideravelmente maior, ao lado das frequências bem diferentes, caracteriza-se o condicionamento etário da faixa 1 para a maior utilização da variante *mãe*, ou seja, na comunidade estudada, essa variante parece ser uma variante inovadora.

3.2 Variante *Mainha*

O programa também fez a análise binária da variante *mainha* contra todas as outras variantes pesquisadas e selecionou as variáveis: função sintática; faixa etária e gênero do falante, como mostrado nas Tabelas 04, 05 e 06.

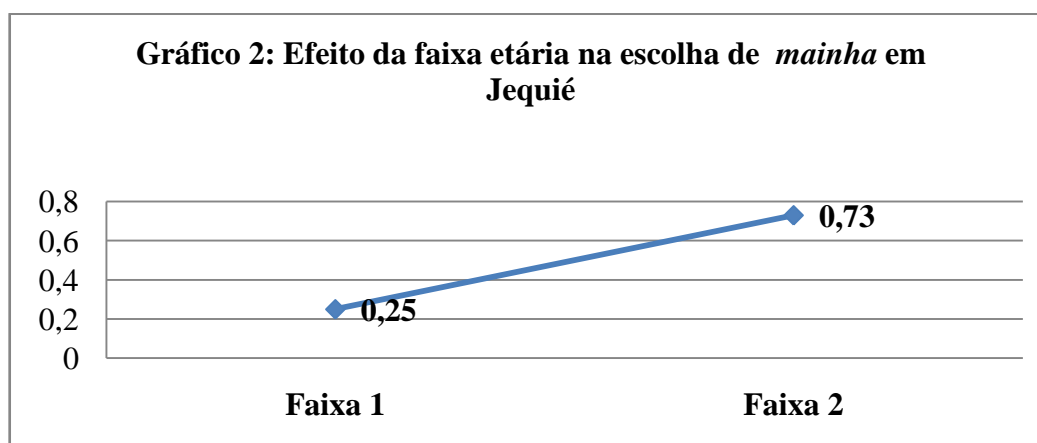
Tabela 04. O condicionamento da função sintática na escolha da variante *mainha*

VARIÁVEL		Dados/Total - %	Peso relativo
FUNÇÃO SINTÁTICA	VOCATIVO	83/242 – 34%	.53
	SUJEITO	26/90 – 29%	.43

Os dados da Tabela 04 mostram uma diferença entre os pesos relativos dos fatores vocativo (.53) e sujeito (.43). Apesar de não ser uma diferença muito grande, o programa selecionou a variável: a função sintática ‘vocativo’ favorece levemente (peso relativo muito próximo ao ponto neutro) a forma *mainha*, enquanto a função ‘sujeito’ a desfavorece. A função ‘complemento’ tem poucos dados.

Tabela 05. Efeito da faixa etária na escolha da variante *mainha*.

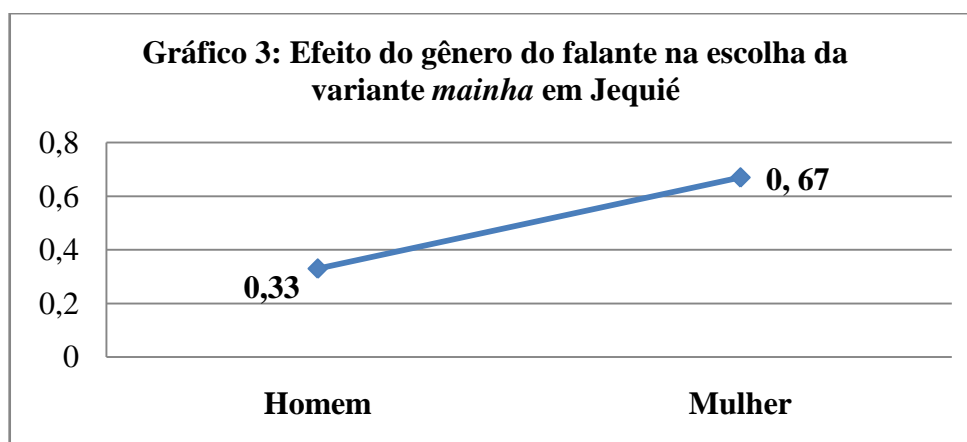
VARIÁVEL		Dados/Total - %	Peso relativo
IDADE	FAIXA 2	90/187 – 48%	.73
	FAIXA 1	21/165 – 13%	.25



A atuação da variável faixa etária se mostrou determinante na utilização da forma nominal *mainha*. A diferença entre os pesos relativos das duas faixas etárias é muito grande (.48). Diante dos pesos relativos mostrados no Gráfico 2 é possível constatar que o fato de o indivíduo pertencer ao grupo etário 2 (.73) favorece a utilização da variante *mainha*, enquanto que os mais jovens (.25), pelo que se observa na pesquisa, rejeitam a essa forma.

Tabela 06. Interferência do Gênero do falante sobre a escolha da variante *mainha*.

VARIÁVEIS		Dados/Total - %	Peso relativo
GÊNERO	MULHER	39/178 – 22%	.67
	HOMEM	72/174 – 41%	.33



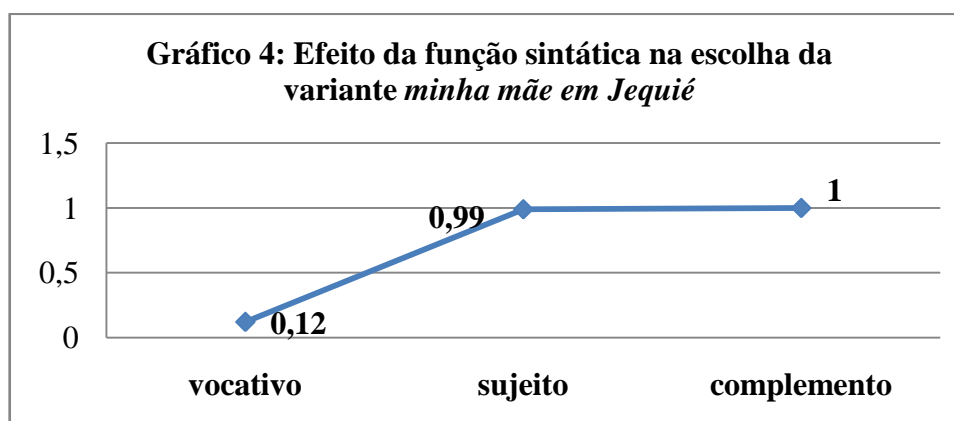
Por meio da Tabela 06 e do Gráfico 3 é possível constatar uma significativa diferença dos pesos relativos entre homens (.33) e mulheres (.67), com os primeiros apresentando uma tendência muito menor à utilização da variante *mainha*. Sendo assim, o fato de ser homem desfavorece o uso da variante *mainha*, enquanto que o fato de ser mulher condiciona ao uso. *Mainha* parece, assim, ser uma variante basicamente feminina.

3.3 Variante *Minha mãe*

Quanto à análise binária realizada contrapondo a variante *minha mãe* a todas as outras variantes pesquisadas, o programa selecionou as variáveis: função sintática e faixa etária.

Tabela 07. Condicionamento da função sintática na escolha da variante *minha mãe*

VARIÁVEL		Dados/Total - %	Peso relativo
FUNÇÃO SINTÁTICA	COMPLEMENTO	14/17 – 82%	1.00
	SUJEITO	54/90 – 60%	.99
	VOCATIVO	22/242 – 9%	.12

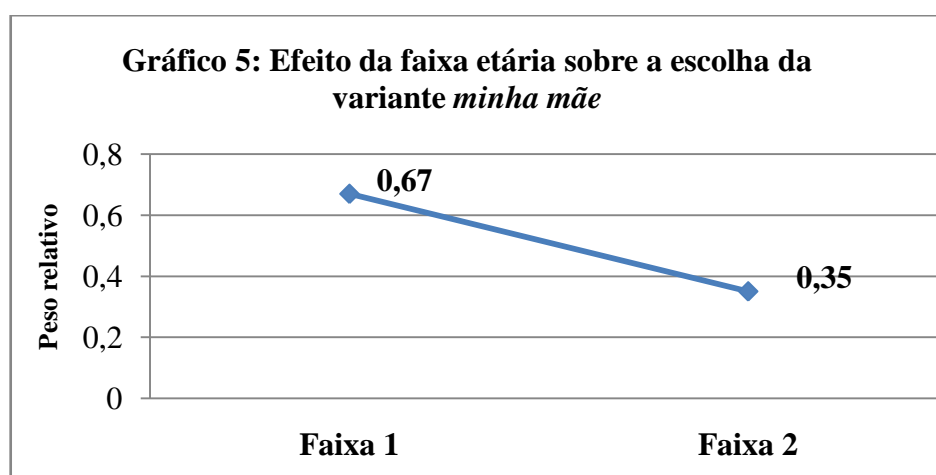


Na Tabela 07 encontra-se uma diferença acentuada entre os valores dos pesos relativos do fator 'Vocativo' (.12) e dos fatores 'Sujeito' (.99) e 'Complemento' (1.00), mas, como o número de dados relativos a 'complemento' é pequeno, os resultados não podem ser considerados, ficando a concorrência entre as funções sujeito e vocativo. Ou seja, pelos dados

da Tabela, constata-se que a variante *minha mãe* aparece com muita mais frequência com a função sujeito e menos com a função vocativa e na função sujeito há um grande favorecimento de *minha mãe*. Os resultados indicam que essa variante não é quase escolhida para tratar diretamente com a *mãe*, mas para falar dela, usando, na referência, na função sujeito ou na função complemento, quase nunca na função vocativo. Essa variante funciona com função complementar, da seguinte forma: ocupa as posições básicas de sujeito e complemento e, na posição de vocativo, se o falante é jovem, usa *mãe*, se for mais velho (e principalmente do gênero feminino), escolhe *mainha*.

Tabela 08. Efeito da Faixa etária na escolha da variante *minha mãe*

VARIÁVEL		Dados/Total - %	Peso relativo
FAIXA ETÁRIA	FAIXA 1	51/165 - 31%	.67
	FAIXA 2	40 /187 - 21%	.35



Com respeito à faixa etária, nota-se que essa variável social também foi determinante para o uso da forma nominal *minha mãe*. A faixa 1 obteve o peso relativo igual a .67 e a faixa 2 obteve o peso relativo igual a .35. Diante desses números, conclui-se que o fato de o falante pertencer a faixa 1 favorece a utilização da variante *minha mãe*. Essa forma nominal demonstra ser inovadora, pois seu uso se concentra entre os mais jovens, assim como a forma *mãe*, já discutida.

4. Considerações finais

As formas nominais de tratamento dirigidas às mães consistem numa variável dependente da atuação de variáveis, como gênero do falante, idade e função sintática. Dentro desse contexto, a ocorrência de cada variante na fala dos indivíduos entrevistados não se mostrou condicionada do mesmo modo na análise de todas as variáveis. A idade se mostrou como um fator social determinante ao aparecimento da forma nominal *mãe*, sendo os informantes da faixa 1 (10 – 14 anos) os indivíduos que mais a utilizaram. Com respeito ao fator linguístico, a função vocativa favorece a ocorrência dessa variante.

A função sintática vocativo apresentou maior peso relativo para o uso da forma nominal *mainha*. A idade atuou como uma variável determinante na ocorrência dessa variante. Os dados coletados mostraram que falantes mais jovens, da faixa 1 (10 – 14 anos)

usam o nome *mainha* com uma frequência e peso relativo tão baixos que tornou possível afirmar a diminuição acentuada do uso dessa forma nominal por esses falantes. Em contrapartida, os falantes da faixa etária 2 (18 a 30 anos) utilizaram de modo favorável, permitindo concluir que o fato de o falante pertencer a essa faixa etária condiciona a utilização dessa variante. Além disso, o fato de a forma nominal *mainha* ter menor peso relativo entre falantes mais jovens pode indicar futura diminuição de seu uso na comunidade.

As ocorrências da variante *minha mãe* caracterizaram-se como um fato inovador na fala dos indivíduos da cidade de Jequié. Os dados coletados mostraram-na como uma forma muito utilizada pelos falantes da cidade. A faixa etária também foi importante para essa variante, sendo forte o condicionamento da faixa 1 (10 – 14 anos) para o uso da forma *minha mãe*. A forma nominal *mainha* ainda é utilizada nesse grupo etário 1, contudo, em processo de diminuição, perdendo em frequência para as variantes: *mãe* e *minha mãe*.

De modo geral, a pesquisa identificou o uso mais recorrente das formas nominais de tratamento: *mãe*; *minha mãe* e *mainha*, contudo a maior ou menor frequência de cada uma dessas formas ficou condicionada a atuação de variáveis sociais e linguísticas, em que o uso de cada variante pelos falantes aumenta ou diminui de acordo a sua idade, gênero ou ainda por questão estrutural.

Referências

IBGE. Jequié – Bahia. Monografia – Nº 467, ano 1970. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em 20 de julho de 2012 às 15:00h.

Kerbrat-Orecchioni, Catherine. Modelo de variações intraculturais e interculturais: as formas de tratamento nominais no francês. In: Leticia Rebollo Couto e Célia Regina dos Santos Lopes (organizadoras). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 19 - 45.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Cardoso. – São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

INVESTIGANDO A QUESTÃO DA MUDANÇA LINGUÍSTICA: UM ESTUDO NO NÍVEL LEXICAL A PARTIR DE DADOS GEOLINGUÍSTICOS

Beatriz Aparecida ALENCAR (UFMS)²²⁹

Resumo: Os dados dialetológicos vêm apresentando um panorama sobre a língua portuguesa vigente em diferentes regiões do Brasil. Este trabalho discute um recorte do léxico utilizado por falantes do Extremo Oeste do Mato Grosso do Sul, com base em dados obtidos pelo Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário - ALiCoLa (ALENCAR, 2013). O estudo analisou casos de mudanças em curso e/ou de manutenção no nível lexical e sua relação com a história social da região e com as características do meio ambiente. O estudo contemplou ainda o cotejo dos dados selecionados com outros obtidos por trabalhos dialetológicos acerca do falar da região selecionada.

Palavras-chave: Dialectologia. Léxico. Atlas Linguístico. Mato Grosso do Sul. Corumbá/Ladário.

1. Dados Geolinguísticos e sua relevância na história social da língua

Os atlas linguísticos são fontes de dados sobre a história social da língua em uma determinada região. Esses documentos que são produzidos a partir dos princípios da Dialectologia e da Geolinguística propiciam uma descrição concreta de uma língua em uso, no caso aqui focalizado, da Língua Portuguesa.

No Brasil, os atlas linguísticos começam a ser produzidos a partir de 1950 quando surgem os primeiros atlas linguísticos. Inicialmente, tinha-se como objetivo a produção de um atlas nacional, porém devido às dificuldades de um país ainda pouco estruturado, no que tange aos meios de locomoção e de dimensões continentais, os dialetólogos optaram por priorizar os atlas regionais, estaduais como forma de consolidar as pesquisas geolinguísticas no Brasil. Assim, surgem na segunda metade do século XX, os primeiros atlas regionais²³⁰: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB, 1963), seguido pelo Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG) - 1977, do Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB, 1984), do Atlas Linguístico do Sergipe (ALS, 1987), do Atlas Linguístico do Paraná (ALPR, 1994). Outros atlas são publicados a partir do início do século XX, como o Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul (ALERS, 2002; 2012), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA, 2004), Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS, 2007) e Atlas Linguístico do Ceará (ALECE, 2010). Além desses, muitos outros atlas de pequeno e de médio domínio vêm sendo produzidos em diferentes regiões do Brasil, como teses de doutorado e dissertações de mestrado. Atualmente, existe a proposta de um atlas nacional que se concretiza pelas pesquisas do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) que está documentando a Língua Portuguesa em uso em todos os Estados da Federação a partir de um projeto interinstitucional com sede na UFBA (Universidade Federal da Bahia) e coordenado por um Comitê Nacional. Todos esses atlas evidenciam a importância dos estudos dialetais para um maior detalhamento da língua viva de um povo, como atesta Cardoso (2010, p. 15): a Dialectologia “tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua

²²⁹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Mestrado em Estudos de Linguagens. Campo Grande, Brasil. Email: bia83_12@hotmail.com

²³⁰ As informações referentes aos Atlas Linguísticos produzidos no Brasil foram consultados a partir de: www.alib.ufba.br (acesso junho/2013)

distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Este trabalho analisa dados lexicais relacionados às áreas semânticas *Comportamento/Convívio Social e Atividades Agropastoris* extraídos do Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (ALENCAR, 2013)²³¹, Extremo Oeste do Mato Grosso do Sul e busca na história social da região possíveis respostas para os fenômenos observados. Essas duas áreas semânticas abrigam unidades lexicais que caracterizam a região em estudo: o fator antiguidade e o bioma Pantanal. Além disso, por meio do cotejo com dados mapeados por outros trabalhos dialetológicos produzidos a partir de dados coletados na região (NOGUEIRA, 2002; ALMS, 2007) e ainda com o material linguístico documentado pelo Projeto ALiB no ponto nº 113 (Corumbá), pretende-se identificar processos de mudanças em curso no nível lexical.

2. Corumbá e Ladário: uma região peculiar

As cidades de Corumbá e Ladário, localizadas na fronteira Oeste do Mato Grosso do Sul, na divisa com a Bolívia e o Paraguai, destacam-se no Estado pelo seu distanciamento geográfico. Essa característica não se aplica somente à localização da cidade, mas também à linguagem local, já que a cidade é uma das mais antigas do atual Mato Grosso do Sul. Quanto à posição geográfica, além da proximidade com áreas limítrofes do País, o município de Corumbá abriga uma grande área territorial (64.968,84 km²) e a sede do município é conhecida popularmente como a capital do Pantanal Sul-mato-grossense. A distância de 415 km que separam Corumbá da capital do Estado, ao mesmo tempo em que provocou o isolamento da região, garantiu-lhe certa autonomia em diferentes épocas da história da cidade em relação ao restante do Estado.

Corumbá foi palco dos primeiros contatos da população nativa com o homem branco, nos anos de 1524, quando Aleixo Garcia adentra, via rio Paraguai, terras corumbaenses. A cidade recebeu ainda em diferentes épocas a influência de grupos étnicos diversos em virtude de diferentes fatores: i) disputas territoriais entre os grupos indígenas e posteriormente destes com o homem branco em defesa do território (século XVI); ii) via de acesso para locais de exploração de metais preciosos (séc. XVII/XVIII); iii) presença de imigrantes dos países da região platina: Argentina, Paraguai e Uruguai (século XIX); iv) influência dos imigrantes de diferentes países atraídos pelo comércio fluvial (século XIX- século XX); v) presença de um arsenal da Marinha em Ladário (1825); vi) advento de pessoas à região com a chegada da ferrovia Noroeste do Brasil (1914).

A cidade de Ladário, por sua vez, é indissociável de Corumbá, por pertencer ao município de Corumbá, tornando-se independente apenas em 1953, e também pela proximidade territorial e econômica do município do qual se originou.

Esses fatos mencionados influenciaram sobremaneira a história social dos municípios de Corumbá e Ladário e deixaram marcas no léxico, como o demonstrado na sequência deste trabalho.

3. Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (ALiCoLa)

O atlas de Corumbá e Ladário priorizou as informações lexicais, por entender que é no léxico que as marcas da história social se mostram mais evidentes. O atlas concretizou-se com a produção de 239 cartas lexicais, frutos da coleta de dados em uma rede de pontos que abriga três distritos corumbaenses e as duas sedes dos municípios. Os pontos de inquérito numerados de 01 a 05 foram distribuídos seguindo a orientação Norte/Sul e Oeste/Leste das localidades

²³¹ Atlas produzido como dissertação, no âmbito do Mestrado em Estudos de Linguagens/UFMS, sob a orientação da Profa. Dra. Aparecida Negri Isquardo.

pesquisadas. Sendo assim, a rede de pontos é composta pelas seguintes localidades: Corumbá, Ladário, Albuquerque, Porto Esperança e Coimbra. A rede de pontos foi definida com base nos critérios proximidade com as linhas do trem e localização às margens do rio Paraguai, principais vias de acesso à região nos seus primeiros séculos de existência. A figura que segue apresenta a distribuição da rede de pontos do ALiCoLa.

Figura 01 - Pontos de inquérito do ALiCoLa



(ALENCAR, 2013)

A pesquisa contemplou um total de 20 informantes, 04 por localidade, selecionados segundo o seguinte perfil: sexo (homens e mulheres); idade (faixa etária I: 18 a 30 anos; faixa etária II: 50 a 65 anos). Para a realização dos inquéritos foi utilizado um questionário linguístico elaborado a partir do instrumento de coleta de dados do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS (OLIVEIRA, 2007) e complementado com questões do questionário linguístico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001).

As perguntas que compõem o Questionário do Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário foram organizadas em duas grandes áreas semânticas, *homem* e *natureza*, que foram subdivididas em 14 subáreas: natureza (acidentes geográficos e elementos hidrográficos, fenômenos atmosféricos, astros e fenômenos ligados ao tempo, flora e atividades agropastoris, fauna) e *homem* (corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, brinquedos e diversões, habitação, alimentação e utensílios, vestuário e vida urbana).

4. Análise dos Dados

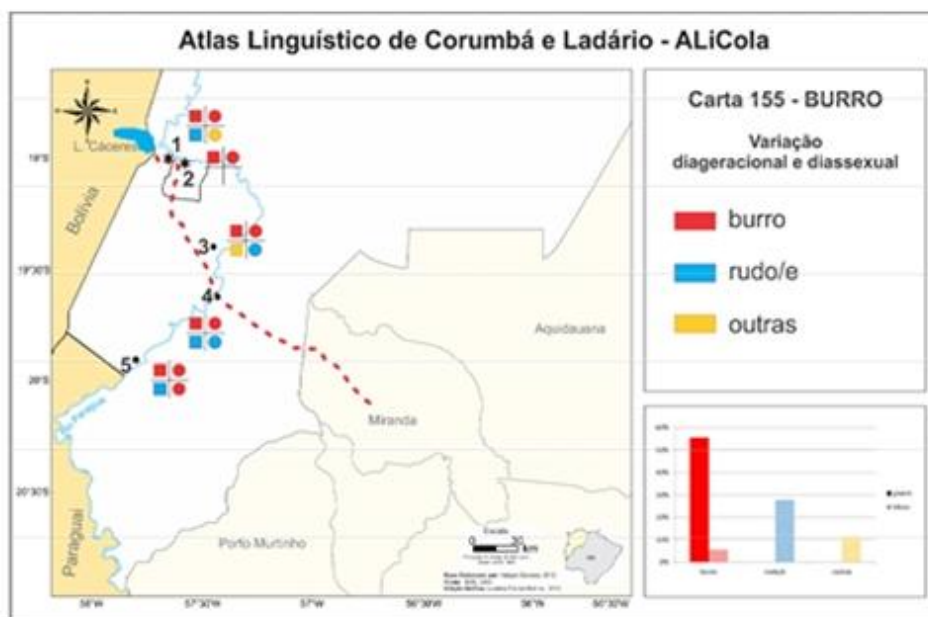
Algumas subáreas destacaram-se em termos de documentação de dados que evidenciaram manutenção e/ou mudança no léxico. Para este trabalho foram selecionadas algumas unidades lexicais vinculadas às subáreas *comportamento/convívio social e atividades agropastoris*. Na seleção dessas unidades lexicais para este texto foi considerada a relação do

processo de nomeação com características sociais, históricas e ambientais da região onde foram coletadas. Para tanto, além dos resultados obtidos pelo Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário (cartas 093, 096, 097, 154, 155), serão considerados resultados de diferentes trabalhos dialetológicos/lexicais realizados na mesma região de estudo: *Pantanal homem e cultura* (NOGUEIRA, 2002); *Tabus Linguísticos nas Capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos* (BENKE, 2012); dados obtidos pelo projeto ALiB no município de Corumbá (ponto nº 113) e o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*, dos registrados nas localidades de Corumbá (ponto nº 12), Porto Esperança (nº 26) e nos pantanais da Nhecolândia (nº 20), Paiaguás (nº 22).

A seleção da primeira unidade lexical analisada foi motivada por fatores históricos: *рудо/e* (área semântica *Comportamento e Convívio Social*), mencionada como designação da “pessoa com dificuldade no aprendizado”. Segundo Houaiss (2001), *рудо/e* tem a sua primeira datação no século XIII. Benke (2012, p. 124-125) faz referência à presença desse item lexical em uma obra de grande importância para a Literatura Portuguesa: “A forma *рудо* aparece, inclusive, na estrofe 69, canto V da obra “Os Lusíadas” de Camões: ‘Sem sair nunca deste povo *рудо* / Sem vermos nunca nova nem sinal / Da desejada parte Oriental”.

A Carta 155 do Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário demonstra que cinco falantes, todos pertencentes à faixa etária II (50 a 65 anos) e do sexo masculino, em sua maioria, mencionaram a unidade lexical *рудо/e* como designação do conceito em pauta.

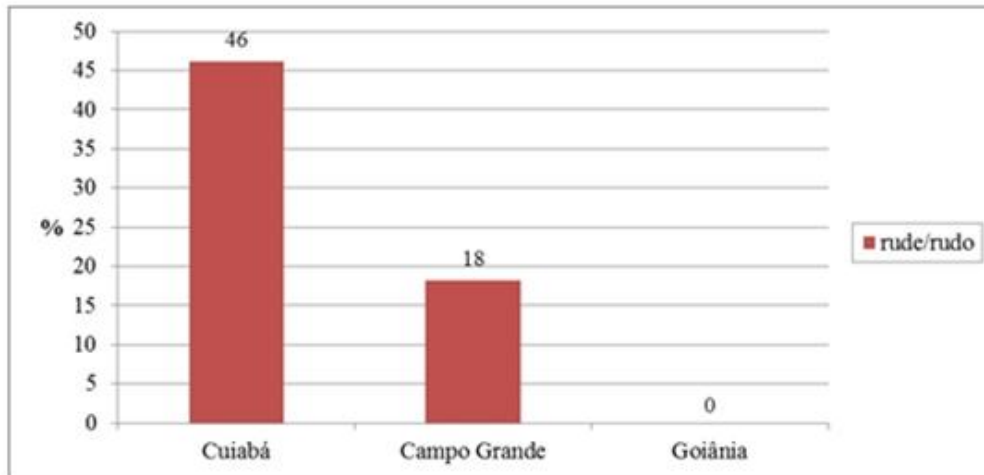
Figura 02 - Carta da variante *рудо/e*



(ALENCAR, 2013)

A unidade lexical *рудо/e* também foi mencionada como resposta nos inquéritos realizados nas capitais brasileiras para o projeto ALiB. Segundo a análise de Benke (2012), essa unidade lexical foi citada em todas as regiões brasileiras, embora tenha se mostrado mais produtiva na região Centro-Oeste, com um percentual de 22,85% das ocorrências computadas. No âmbito das capitais de Estados do Brasil Central, Cuiabá foi a que apresenta maior produtividade da variante.

Gráfico 01 - Produtividade da variante *рудо/e* nas capitais do Centro-Oeste



(BENKE, 2012)

A alta produtividade de *rudo/e* como resposta para *a pessoa com dificuldade no aprendizado* em Cuiabá remete a um fato importante da colonização da cidade de Corumbá: o fato de ambas as cidades terem pertencido durante a maior parte de sua existência à província de Mato Grosso e terem datas próximas de fundação. Inclusive, devido ao isolamento da cidade de Corumbá, o acesso fluvial era o meio mais fácil de chegar à localidade: “o caminho fluvial formado pelos rios Paraná e Paraguai era a única forma relativamente viável, no plano comercial, de alcançar a Província de Mato Grosso, isolada por terra do resto do Brasil” (DORATIOTTO, 2010, p. 10-11). Além disso, as relações com a capital Cuiabá entre o final do século XIX e XX eram constantes devido ao comércio entre o Porto Geral de Corumbá e a capital da Província:

[...] a parte baixa da Cidade, ou seja, o porto constituía uma área especializada no comércio atacadista. Recebia mercadorias procedentes de Porto Esperança e de portos da Europa e das cidades do Rio da Prata. E, posteriormente, distribuía para todo o norte do Estado, inclusive para a capital, Cuiabá (ITO, 2000, p.74-75).

Essas relações de proximidade entre Cuiabá e Corumbá podem ter sido a principal motivação para a manutenção da unidade lexical *rudo/e*. Ainda cabe destacar que a maior produtividade dessa variante nas capitais brasileiras se confirmam com os dados obtidos pelo ALiCoLa em termos de registro predominante entre falantes da segunda faixa etária, conforme atestam os dados da figura 3, a seguir.

Figura 03 - Produtividade de *rudo/e* de acordo com a variável idade



(BENKE, 2012)

A mesma estudiosa aponta prováveis causas para a presença de *rudo/e* nas duas capitais do Centro-Oeste em que a unidade lexical se mostrou mais produtiva:

[...] vale recuperar que o atual Estado de Mato Grosso e o Amazonas foram fundados, respectivamente, em 1719 e 1669, configurando-os como localidades antigas do ponto de vista de fundação e ocupação, o que possivelmente, explique o registro de especialmente da forma conservadora *rudo*. O registro de *rude/rudo* em Cuiabá se deva a uma influência dos bandeirantes paulistas que penetraram o Centro-Oeste, no século XVIII, em busca de zonas auríferas (BENKE, 2012, p.139).

Duas outras unidades lexicais foram selecionadas para este estudo com base na relação entre léxico e meio ambiente, no caso tendo como motivação o bioma Pantanal que abarca toda região e o universo das fazendas pantaneiras: *mocho* e *malhador* (*Atividades Agropastoris*), registradas nas Cartas 093, 096/097 do ALiCoLa.

A unidade lexical *mocho* (carta 093) foi utilizada pelos informantes do Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário como designação do *animal sem chifre*. Essa resposta foi mencionada em todas as localidades, tendo maior predominância nas sedes de distrito. Nas localidades de Corumbá e Ladário, *mocho* foi mencionada por apenas os homens da faixa etária II, como atestam os dados da figura que segue.

Figura 04 - Respostas obtidas para animal sem chifre no ALiCoLa

Informantes	Corumbá	Ladário	Albuquerque	Porto Esperança	Coimbra
Homem jovem			mocho	mocho	mocho
Mulher jovem			mocho	mocho	
Homem idoso	mocho	mocho	mocho	mocho	mocho
Mulher idosa				mocho	mocho

Quanto aos dados nacionais, o Projeto ALiB obteve, no município de Corumbá, 100% de ocorrências na unidade lexical *mocho* como resposta para o *animal sem chifre*. Cabe destacar que os dados mapeados pelo atlas estadual (ALMS), nas localidades pertencentes ao município de Corumbá, se assemelham aos do projeto ALiB, visto que apenas um informante

mencionou resposta diferente de *mocho* para o animal com a característica citada.

Comparando-se os dados obtidos nos três trabalhos dialetológicos consultados, observa-se que o ALiCoLA (2013) apresentou menor número de respostas nas sedes urbanas para o *animal sem chifre*, mostrando que contrastes entre o universo urbano e rural interferem nas escolhas lexicais dos falantes. Esses resultados também apontam para uma tendência ao apagamento da variante lexical *mocho* nas áreas urbanas, visto que apenas informantes do sexo masculino e de faixa etária II optaram por essa forma de nomear o animal.

O mesmo acontece com o uso do item lexical *malhador* (carta 096) para nomear o *lugar onde o gado se reúne para dormir no campo*. Essa unidade lexical foi citada apenas por informantes da sede dos distritos de Albuquerque, Porto Esperança e Coimbra, perfazendo um total de 63,63% das respostas na rede de pontos do Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário. Também foi indicada como designação do mesmo conceito o item lexical *rodeio*, com 36,36% de ocorrências. Para essa questão, ainda houve o registro das unidades lexicais *mangueiro* e *curral*, sobretudo nas localidades urbanas, que não foram consideradas válidas por nomearem outros referentes. Segundo Nogueira (2002, p.147), *curral* é definido como “encerra, cercada de madeira, onde se prende o gado para apartar, marcar, curar, vacinar, etc. Variante lexical: mangueiro”, definição essa que não contempla o conceito expresso na pergunta em questão. Quanto às designações documentadas para o *lugar onde o gado se reúne para dormir no campo*, a distribuição das respostas nas diferentes localidades do ALiCoLa acontece da seguinte forma:

Figura 05 - Respostas para o lugar onde o gado se reúne para dormir no campo (ALiCoLA)

Informantes	Corumbá	Ladário	Albuquerque	Porto Esperança	Coimbra
Homem jovem		mangueiro	malhador	malhador	rodeio
Mulher jovem		curral	curral	malhador	
Homem idoso	Invernada		rodeio	malhador	rodeio malhada
Mulher idosa	Curral	mangueiro	malhada	mangueiro	rodeio malhada

A unidade lexical *invernada*, como resposta para lugar onde o gado se reúne para dormir no campo, foi citada pelo informante idoso de Corumbá, porém é definida por Nogueira (2002, p. 148) como “pastagem convenientemente cercada de arame, onde se deixa ficar o gado no pasto, para engordar ou para descansar e refazer as forças, depois de longas viagens”. Nesse caso em particular, observa-se pelos dados da figura 05 a presença de *malhador* predominantemente nas áreas de distrito e uma considerável produtividade das unidades lexicais que não nomeiam o referente expresso na pergunta.

5. Considerações Finais

Com base nos dados aqui discutidos, observa-se que a manutenção das unidades lexicais selecionadas na região pesquisada ocorre, sobretudo, entre os idosos (faixa etária II). Quanto à unidade lexical *rudo/e* na aceção de pessoa pouco inteligente, em nível nacional, nota-se a tendência de continuidade de uso nas regiões em que foi citada por informantes jovens (Cuiabá, Macapá e Manaus) e uma maior possibilidade de essa unidade lexical desaparecer nas localidades em que foram mencionadas somente por falantes idosos. É o caso de Corumbá, onde é provável que essa variante seja substituída por outras unidades lexicais.

Já o uso das unidades lexicais *mocho* e *malhador*, pertencentes à área das *atividades agropastoris*, reitera a relação entre os conceitos de rural e urbano na sociedade brasileira que também se estende ao léxico, em especial no que diz respeito ao distanciamento e/ou

desconhecimento de elementos rurais pela população urbana. Segundo Freitas-Marins (2012, p. 31),

[...] nota-se que os conceitos de rural e de urbano vêm sofrendo alterações decorrentes das próprias mudanças sociais que têm desencadeado novas formas de conceituação da realidade. É o que, por exemplo, ocorre na sociedade brasileira, o espaço rural, obrigatoriamente, se urbanizou e sua população, que antes era majoritariamente rural, hoje busca, com veemência, viver nos centros urbanos, seja em busca de melhores condições de vida, seja por acreditar no estereótipo antigo de que o meio urbano é mais evoluído.

Os dados aqui analisados demonstram que falantes urbanos da faixa etária I tendem a ter menor interesse por assuntos atrelados às áreas rurais. Os resultados obtidos pelo ALiCoLa quanto às unidades lexicais mocho e malhador evidenciam que nas sedes de municípios houve baixa incidência de respostas que para o referente em pauta, o que ainda se agrava quando considerado apenas os informantes jovens. Sendo assim, acredita-se que o processo de mudança de algumas unidades lexicais ligadas à área rural já está acontecendo e seguirá acentuando-se, ao considerarmos as respostas fornecidas pelos falantes da faixa etária I (18-30 anos).

Referências Bibliográficas

ALENCAR, Beatriz Aparecida. Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário: uma descrição da língua portuguesa falada no Extremo Oeste de Mato Grosso do Sul. 2013. 620 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabus lingüísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: Tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

FREITAS MARINS, Luciene Gomes. *O rural e o urbano: novos e velhos falares na região Centro-Oeste do Brasil*. 2012. 310 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NOGUEIRA, Albana Xavier. *Pantanal: Homem e Cultura*. Campo Grande, Editora UFMS, 2002.

OLIVEIRA, Dercir Pedro. *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*, Campo Grande, Editora UFMS, 2007.

OBJETO NULO *VERSUS* ESTRATÉGIAS PRONOMINAIS NO PORTUGUÊS RURAL DO ESTADO DA BAHIA E NO DE PORTUGAL*

Cristina FIGUEIREDO (UFBA)²³²

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa sociolinguística sobre três estratégias de retomada de um DP na posição de objeto direto: objeto nulo (ON), clítico acusativo (CL) e pronome forte (PF), em duas variedades faladas do português rural, o do estado da Bahia (PRB) e o de Portugal (PRE). Realizou-se uma comparação buscando verificar as estratégias de retomada, bem como os fatores que condicionam a escolha das estratégias. Constatou-se que: o ON, elipse de DP, está presente tanto no PRB quanto no PRE, inclusive em contexto de ilhas adverbiais; o CL ocorre apenas no PRE; e o PF, apenas no PRB.

Palavras-Chave: Objeto nulo. Clítico acusativo. Pronome forte. Português rural.

1. Introdução

Neste trabalho, é realizada uma comparação entre o português rural do estado da Bahia (PRB) e o português rural de Portugal (PRE), no que se refere à retomada, na posição de objeto direto, de um DP já mencionado, como nos exemplos em (1), a partir de estudos realizados sobre o tema. A retomada de um DP na posição de objeto direto pode-se dar, no português, através de quatro estratégias, mas, neste trabalho, são consideradas apenas três²³³: ON, CL e PF.

1. a. **Clítico acusativo** (CL)
Lídia trouxe deliciosos pasteizinhos_i, mas não *os*_i comi.
- b. **Objeto nulo** (ON)
Lídia trouxe deliciosos pasteizinhos_i, mas não comi _____i.
- c. **Pronome forte** (PF)
Lídia trouxe deliciosos pasteizinhos_i, mas eu não comi *eles*_i.

As amostras de fala do português rural do estado da Bahia utilizadas nesta pesquisa pertencem ao acervo do projeto *Vertentes do português rural do Estado da Bahia*²³⁴ (UFBA), coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi e do qual faço parte como pesquisadora. As três comunidades rurais analisadas localizam-se no Recôncavo Baiano São elas: Sapé, comunidade rural formada essencialmente por indivíduos com ascendência africana; bem como a zona rural e a sede do município de Santo Antônio de Jesus. Quanto aos dados do português rural europeu, foram utilizadas as amostras de fala do Projeto *Cordial Sin (Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe)*²³⁵, corpus constituído pelo Centro de Linguística da

* Versão resumida do artigo “Uma análise comparativa das estratégias de retomada na posição de objeto direto no português rural do estado da Bahia e no de Portugal” submetido à revista *Confluência* em 28 de março de 2013.

²³² Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil. E-mail: macrisfig@uol.com.br

²³³ A retomada através do mesmo DP ou de um DP anafórico não foi considerada.

²³⁴ www.vertentes.ufba.br

²³⁵ Disponível em: <<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/226-corpus-syntax-oriented-corpus-of-portuguese-dialects-cordial-sin>>.

Universidade de Lisboa, com objetivo de “*Estudar a sintaxe dos dialectos do português europeu no âmbito da sintaxe comparada*” entre outros.

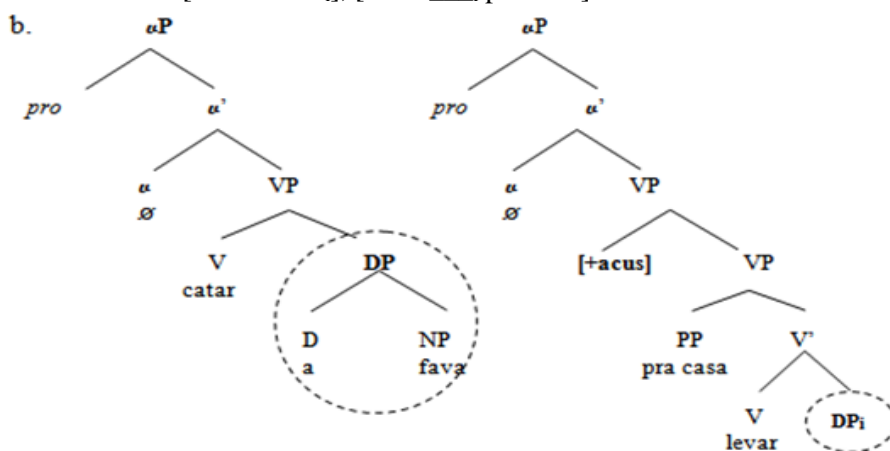
2. Sobre a variação das estratégias

A variação focalizada neste trabalho se dá entre operações sintáticas distintas. O CL e o PF são resultantes de pronominalização e sua interpretação obedece ao princípio B da Teoria de Ligação (Chomsky, 1981); já o ON pode ser resultante de mais de uma operação, inclusive a pronominalização. Mas, neste trabalho, chamo atenção para outras duas possibilidades. Na primeira, de acordo com a Teoria Gerativa, o ON pode ser considerado uma variável, quando é o resultado do movimento do DP para uma posição mais alta, neste senso, segundo Raposo (1986), o ON do PE, seguindo Huang (1984) é uma variável ligada a um tópico nulo por não ocorrer em contextos de ilha sintática, conforme em (3), mas ocorrer livremente em sentenças simples, como em (2), exemplos de Raposo (1986, p.373, 381-2).

2.
 - a. Joana viu-os/___ na TV ontem. *ok* PE e PB
 - b. Joana viu ___ na TV ontem. *ok* PE e PB
3.
 - a. Eu informei à polícia da possibilidade de o Manuel ter guardado ___ no cofre da sala de jantar. PE e *ok* PB
 - b. O rapaz que trouxe ___ mesmo agora da pastelaria era o teu afilhado.*PE e *ok* PB
 - c. Que a IBM venda ___ a particulares surpreende-me. *PE e *ok* PB

Outra possibilidade é considerar o ON uma elipse, conforme Cyrino (1997) assumindo Fiengo e May (1994), que propõem que a interpretação de elipses superficiais se deem em forma lógica através da reconstrução das estruturas elididas sob condição de identidade. Para Cyrino (1997), os licenciadores da elipse DP na posição de objeto direto são os verbos de complemento. Embora eu assumo que o ON seja elipse de DP, acrescento à proposta de Cyrino algumas condições para a interpretação da lacuna (Figueiredo, 2009): i) deve haver identidade estrutural: ambos, ON (DP_i) e antecedente, devem ser gerados em posição interna ao verbo e; ii) ON (DP_i) e antecedente devem compartilhar papel temático, tema/paciente. A representação a seguir ilustra esses requerimentos.

4.
 - a. [catei a fava_i], [leve_i ____i pra casa]



Assumo que, na numeração da sentença em (4), consta um DP com índice de identidade (DP_i) que na derivação seria gerado numa posição mais baixa e sua interpretação se daria através da identidade com o DP imediatamente mais alto com quem compartilhasse a posição de argumento interno e papel temático de tema/paciente; esse fato impede que um ON seja co-referencial a um DP gerado na posição de argumento externo ou em posições de adjunção. Essa conclusão foi alcançada ao se fazer uma análise exaustiva de dados controlando a posição ocupada pelo DP antecedente do ON. Em Figueiredo (2009), verificou-se que um DP gerado na posição de argumento externo, ou seja, um sujeito básico, foi retomado apenas por uma estratégia pronominal seja no PRB seja no PRE. Verificou-se ainda que DPs na posição de adjunto adverbial, adjunto adnominal e objeto indireto não servem de antecedente para o ON²³⁶. Assumida a interpretação do ON para o PRB, na seção seguinte, discuto o papel da animacidade na escolha das estratégias de retomada.

3. Quanto à relevância do traço de animacidade na escolha das variantes

Tem-se considerado o traço de animacidade o principal fator na escolha das estratégias de retomada de DP na posição de objeto direto. O traço [-animado] favorece a realização do ON, e o [+animado], a realização de um pronome seja um clítico ou um pronome forte, conforme apontam os estudos de Duarte (1986), Ferreira (2000), Figueiredo (2004, 2006), entre outros. Todos os trabalhos no âmbito da sociolinguística apontam a animacidade como um fator relevante na escolha das estratégias de retomada, como se vê na tabela a seguir. Os resultados obtidos com a quantificação dos dados do PRE, em termos de frequência são bastante semelhantes ao do PRB, por esse motivo escolhi apresentar os dados de apenas uma das variedades investigadas.

Tabela 1 – O ON e o PF segundo o traço semântico do antecedente no PRB

Traço semântico	ON			PF		
	Ocorr	%	P.Relativo	Ocorr	%	P.Relativo
[+animado]	274/349	79	.30	75/349	21	.70
[-animado]	836/885	94	.58	49/885	6	.42
Total	1110/1234	90	--	124/1304	10	--

Como se vê na Tabela 1, estatisticamente, o ON é favorecido pelo traço [-animado] do antecedente, com peso relativo .58, e, ao contrário, o PF é favorecido pelo traço [+animado], com peso relativo .70. Exemplos dessa variação podem ser vistos em (4), PRE e em (5), PRB.

5. a. DOC: Você faz o que com o cacau, poda?
INF: É **o cacau**_i; a gente poda ____, [clona **ele**_i], é aduba ____.(SAR-03)
- b. **Tarrafa**_i é um... um negócio grande de cordão. Aí, a gente [joga **ela**_i den'd'água], aí ve... pega o pêxe. (SAR-07)
6. a. eu apanhei **muita isca**_i,– [apanhei _____i de véspera] – e ao outro dia, lá vou eu e o meu rapaz. (VPA)
- b. INF: Mas aqui estas pipas...
INQ: Tanto faz serem grandes como pequenas?
INF: **Estas**_i **aqui** são... [Comprei-**as**_i a um sobrinho meu de Lisboa], é que nos as vendeu. 'Vendeu-nos-**as**_i'?! Deu-**mas**. (PVC)

²³⁶Ver Figueiredo 2009 e 2012.

Considerando que os números da Tabela 1 e os exemplos do PRB e do PRE evidenciam que as estratégias pronominais e o ON estão disponíveis para retomada na posição de OD, independente do traço de animacidade, não se deve atribuir tanta relevância a esse traço no licenciamento e condicionamento das variantes, conforme proposta assumida na seção 1.

Alguns autores apontam contra-exemplos, em que um DP com traço [-animado] na posição de sujeito sintático serve como antecedente para o ON (Bianchi e Figueiredo, 1995, Ferreira, 2000). Porém, assumo que o ON nessas sentenças é o resultado de operações distintas da de elipse de DP e que carecem de explicações mais específicas.

4. Sobre as estratégias no PRE e PBR

No Brasil, as décadas de 80 e 90 foram marcadas por trabalhos que pretendiam demonstrar as diferenças que distinguem o PB do PE. Mais precisamente, foi Fernando Tarallo que, na perspectiva da variação paramétrica, desencadeou a realização de uma série de trabalhos que trataram de verificar as características que parametrizavam essas duas variedades do português. Tarallo (1996), com base em pesquisa realizada em 1985, ao diagnosticar a “gramática brasileira” em relação ao PE, propõe que, enquanto a posição de sujeito é preenchida, a de objeto direto é apagada. Depois desse trabalho, muitas pesquisas foram realizadas com dados do português falado no Brasil (PB): Duarte (1986), Cyrino (1997), Raposo (1986), Galves (1989), Figueiredo (2009).

Das três estratégias de que trata este artigo, apenas 02 delas foram encontradas em cada uma das variedades, como se verifica no Tabela 1 a seguir.

Tabela 2 – Distribuição das ocorrências no PRB e no PRE

	ON	CL	PF	Total
	Ocorr./%	Ocorr./%	Ocorr./%	
PRB	1123/90	-	124/10	1247
PRE	202/48	221/52	-	100

Os números da Tabela 2 revelam que a diferença mais marcante entre as duas variedades do português investigadas se dá quanto ao uso da estratégia pronominal, CL apenas no PRE e PF apenas no PRB.

Quanto à ocorrência de ON, a diferença é observada apenas nos percentuais de frequência, 90% no PRB e 48% no PRE.

Quanto aos condicionamentos, a estrutura do VP em que ocorre a retomada, tanto no PRB quanto no PRE, são bastante semelhantes, diferindo-se apenas em percentuais de frequência. No PRE, observa-se que o ON é mais favorecido quando há um elemento circunstancial selecionado como argumento pelo verbo, como em (7a), ou quando há um termo adjunto a VP, como em (7b).

7.
 - a. INF1: aquele vinha buscar **outro moitão**_i, [punha ____i; além]. (LUZ)
 - b. eu apanhei **muita isca**_i,- [apanhei ____i de véspera] – e ao outro dia, lá vou eu e o meu rapaz. (VPA)

Quando o verbo seleciona dois argumentos, um acusativo, OD, e outro dativo, OI ou OBL, não é o ON a estratégia mais favorecida, mas o CL. O PRB apresenta um comportamento contrário: o ON a estratégia favorecida, conforme Figueiredo (2004).

8. a. INF: Mas aqui estas pipas...
 INQ: Tanto faz serem grandes como pequenas?
 INF: **Estas_i aqui** são... [Comprei-**as_i** a um sobrinho meu de Lisboa], é que nos as vendeu. 'Vendeu-nos-**as_i**'?! Deu-**mas**. (PVC)
- b. INF: Outra vez lá o médico escreveu **uma cartinha**, [entregou ____i lá aos urgentes]... (LUZ)

Quando apenas um argumento é requerido pelo verbo, o OD, é também o CL a estratégia mais favorecida, com .55 de peso relativo, ao contrário do PRE, em que o ON é a estratégia mais realizada.

9. INQ2: **Essas_i** devem ser muito bonitas...
 INF: São. Muito grandes. E não há ordem de apanhá-**las_i**. (ALV)

Outro contexto bastante relevante na escolha das estratégias de retomada de um DP de terceira pessoa na posição de OD é o nível de referencialidade do antecedente. A análise quantitativa dos dados demonstrou que, quando o antecedente é [+definido, +específico], no PER, a variação não é bastante produtiva. Curiosamente, este é o fator em que o PF é mais produtivo (20% das ocorrências) no PBR, conseguindo diminuir a frequência do ON, que, em todos os contextos, é predominante, com percentuais bem próximos a 100%. Em termos de peso relativo, os dados demonstram que, nas duas variedades, o preenchimento é favorecido, .94 para o PER e .60 para o PBR. Quando o DP antecedente possui leitura massiva, no PBR, não há uma só ocorrência de retomada por pronome, enquanto no PER a variação é equilibrada (52% de ON e 48% de CL), embora o ON seja favorecido com peso relativo igual a .61. Merece destaque ainda o comportamento inverso das duas variantes no que se refere à retomada de DPs com traço [+genérico], no PBR, é o PF a estratégia favorecida com .63 de peso relativo; enquanto no PER, há equilíbrio percentual, 50% , o ON é favorecido com peso relativo igual a .65.

5. Há Objetos nulos em ilha no PE?

Raposo (1986) propõe que o ON do PE é uma variável por não ocorrer em contexto de ilha sintática para movimento, embora em artigo de 2004²³⁷, o autor reveja essa condição, considerando marginais sentenças que apresentam ON nesse contexto sintático. A análise da amostra de fala do PRE alcançou o seguinte resultado.

Em *sentenças relativas*, a retomada se deu através das duas estratégias de preenchimento, 06 de CL e 04 de DP. Exemplo desse contexto pode ser visto em (10).

10. E depois agarravam então numas enxadas e começavam à ponta de cima, estrambalhando **aquilo_i** para esse sítio [**donde o_i tiraram**]. (LUZ)

No PRB, no mesmo contexto, observa-se variação entre o ON e PF.

11. a. Convivemo quarenta e dois ano de casado. Aí, eu zelei **dele_i**; até o dia [**que Deus madou buscá ____i**]. (SAS-12)
- b. DOC.:Nem **vassôra de bruxa_i** dá?
 INF: Ah, dá, **aquilo_i** num sempre dá num na roça de cacau, mas tem uma... um remédio aí [**que combate ela_i**]. (SAR-03)

²³⁷ Artigo intitulado: *Objectos nulos e CLLD: uma teoria unificada*.

Em *sentenças subjetivas*, no *corpus* do PRE, foram encontradas apenas duas ocorrências retomadas por CL, como em (12).

12. (sobre como fazer queijos)
Aquilo ficava assim de coiso, depois nós fazíamos-lhe o queijo_i... [**Quem queria fazê-lo_i nas mãos**], fazia-o nas mãos...(VPC)

Já no PRB, o uso do ON foi mais favorecido, como em (13a), embora em 2 das 6 ocorrências, o preenchimento tenha sido realizado pelo PF, como em (13b).

13. a. DOC: E **Fábio_i** é registrado?
INF: É resistrado. [**Quem resistrô _____i**] fui eu. (SPO-01)
b. INF: **Manaíba_i** é de mandioca.
INF: Que a gente ... é preciso [**cortá ela_i**], cortá manaíba ... 'corta e dêxá enxugá o leite pá podê prantá. (SAR-11)

No PRE, em *sentenças completivas nominais* foram encontradas apenas três ocorrências de retomada: 1 de ON, como em (14a), e 2 de CL, como em (14b).

14. a. Se a **madeixa sedela_i** vem do estrangeiro por cento e cinquenta mil réis, qual é a razão [**de vender _____i a trezentos e trinta**]? (O que não vem elevado)! (ALV)
b. (sobre as garças-reais)
INQ2 **Essas_i** devem ser muito bonitas...
INF São. Muito grandes. E não há ordem [**de apanhá-las_i**]. (ALV)
No PRB, foram encontradas apenas 2 ocorrências de retomada em que se observa variação, como se vê no exemplo em (15).

15. a. DOC: várias... nas cidades, nas casas, nas roças assim já tem televisão.
INF: eu mesmo num tive [**condição de comprá _____i**]. (SAR-02)
b. ...acredito muito em **Lula_i**! Apesá que... eu num tive [**condições de conhecê ele_i**], num fui no estado dele... (SAS-03)

Em *sentenças adverbiais*, no PRE, a variação é observada, ocorrendo tanto ON, como em (16a), quanto CL, como em (16b). Foram encontradas 12 ocorrências de retomada neste contexto: 04 com clítico e 08 com ON.

16. a. Apanha lavagantes como é o tamanho de camarões. Trazem _____i para a terra. Faz de conta, [**se eu deito _____i ao mar**], digo assim: "Oh, eu deito ao mar, outro não deita, também o vou levar. (VPA)
b. Todas as árvores do campo eu gostava de pintar para prantar **o meu livro_i [quando eu o_i publicar]**.(LUZ)

No PRB, em contexto de sentenças adverbiais, verificou-se variação entre as estratégias disponíveis, como se vê no exemplo em (17).

17. a. Sempre tem como transporte, né? Que nem **os menino que studia_i**, né, já tem o transporte [**pra pegá _____i**], [**pra levá _____i**] na escola]? (SAR-02)
b. Aí **ele_i** ficou preso bastante tempo, [**quando sortaram ele_i**] depois dessa morte aí ele deu pa robá... (SAR04)

Como se pode observar, no PRE, o ON não é bloqueado em contextos de ilha sintática, sendo assim, parece que o ON não é uma variável, como proposto por Raposo (1986). Porém, o número de ocorrências não permite generalizações. Os dados encontrados constituem-se um indício de que a revisão proposta por Raposo (2004) é bastante pertinente.

6. No período de formação do PB, o PL substituiu imediatamente o clítico?

O comportamento e a trajetória das variantes ON e PL no PRB podem ser melhor compreendidos ao se olhar para a distribuição das variantes considerando a faixa etária dos informantes.

Tabela 3 – A distribuição do ON e do ELE segundo a faixa etária - PRB

Faixa etária	ON			PF		
	Ocorr	%	P. Relativo	Ocorr	%	P. Relativo
Faixa I	399/457	87	.42	58/457	13	.58
Faixa II	416/456	91	.53	40/456	9	.47
Faixa III	308/334	92	.58	26/334	8	.42
Total	1123/1247	90	--	124/1247	10	--

Como se observa na tabela, não há sequer uma ocorrência do clítico acusativo nem mesmo na fala dos mais idosos. Esse fato parece apontar para o fato de que, na história do PRB, há dois momentos que o particularizam: i) aquele em que ocorre a perda do pronome clítico de 3ª pessoa e; ii) outro em que o PF é introduzido. Isso pode ser corroborado com os números da Tabela 3. A leitura vertical dos pesos relativos dessa tabela revela um padrão ascendente do PF da faixa III em direção a faixa I, .42, .48, .58., um dado indicador de que o uso dessa variante tem se implementado à medida que os anos avançam. Dessa forma, não houve uma substituição imediata do CL, um pronome átono, pelo PF.

7. Conclusão

Neste trabalho, pretendeu-se demonstrar que, quanto à retomada de um DP de terceira pessoa na posição de objeto direto, há mais selhanças entre o PRB e PRE do que diferenças. A principal diferença consiste no fato de os falantes do PRE optarem pelo uso do clítico e os do PRB, pelo pronome forte. Quanto ao ON, é observado nas duas variedades do português distinguindo-se apenas pelo percentual de frequência. Observa-se inclusive ocorrência de ON em contextos de ilha sintática.

Referências Bibliográficas

- BIANCHI, V. E; FIGUEIREDO SILVA, M. C. On some properties of agreement-object in italian and brazilian portuguese. In: MAZZOLA, M. *Issues and theory in romance languages XXIII*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1994.
- CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: UEL, 1997.
- DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1986.

- FERREIRA, M. B. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2000.
- FIENGO, R. e MAY, R. *Indices and identity*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1994.
- FIGUEIREDO, C. Objeto Nulo: Uma restrição temática. In: *Anais do XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste-GELNE*. Natal: UFRN, 2012.
- FIGUEIREDO, C. O Objeto direto anafórico: a categoria vazia e o pronome lexical. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- FIGUEIREDO, C. *O objeto nulo no português rural baiano*. Teoria temática e elipse de DP. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2009.
- FIGUEIREDO, C. *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2004.
- GALVES, C. O objeto nulo e as estruturas da sentença em português brasileiro. In: GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do Português*. Campinas: UNICAMP. 2001. p. 73-92.
- GALVES, C. L'objet nul et la structure de la proposition en portugais du Brésil. *Revue des Langues Romanes*. França, v. 93-2, 1989. p. 305-336.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LUCCHESI, D. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003. p. 272-284.
- MATOS, G.; CYRINO, S. M. L. Elipse de VP no português europeu e no português brasileiro. *Boletim da Associação Brasileiro de Linguística*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2001. v. 26. p. 386-390.
- MATOS, G. Construções elípticas. In: MIRA MATEUS, M. H. *et al. Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p.869-916.
- NUNES, J. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1993. p. 207-222.
- PYLKKÄNEN, Liina. Causation and external arguments. In Liina Pylkkänen, Angeliek van Hout, and Heidi Harley, eds., *Papers from the UPenn/MIT Roundtable on the Lexicon*, 161–183, Cambridge, Ma.: MITWPL 35, 1999.
- RAPOSO, E. On the null object in european portuguese. In: JAEGGLI, O; SILVA-MC SHANE, M. J. The ellipsis of accusative direct objects in russian, polish and czech. In: *Journal of Slavic linguistics* 7(1). Philadelphia: 1999. p.45-88.

RAPOSO, E. Objectos nulos e CLLD: uma teoria unificada. *Revista da Abralin*, v. III. Maceió, 2004, p. 41-73.

SALVADOR: O EFEITO DO TEMPO NA CONCORDÂNCIA²³⁸

Norma da Silva LOPES (UNEB)²³⁹

Resumo: Neste texto, busca-se fazer uma análise do efeito do tempo (aparente e real) sobre a concordância em Salvador. Tomam-se as variáveis Faixa Etária; Década das entrevistas, Escolaridade e Sobrenomes dos falantes como elementos explanatórios. Os dados sugerem que, em Salvador, há duas tendências diferentes, referentes a grupos com história de aquisição de língua distintas: os descendentes de africanos escravizados no Brasil e os que não fazem parte desse grupo.

Palavras-chave: Concordância nominal de número. Tempo aparente e tempo real. Variação e mudança. Salvador. Estudo a partir de sobrenomes.

1. Palavras iniciais

Estudar uma língua envolve vários aspectos, um deles é entender como se processa o efeito do tempo sobre ela, ou seja, como se dá a mudança nos seus diversos níveis. Na teoria variacionista, a mudança linguística não é vista como exterior ao sistema, mas como integrante do seu caráter heterogêneo. Para se fazer o estudo da mudança, segundo a teoria variacionista, existe a necessidade de se considerar essa característica da língua, pois toda mudança pressupõe variação (LABOV, 1982, p. 20). Dessa forma, podem-se identificar mudanças em progresso, observando-se a concorrência de variantes velhas e novas, fase da mudança em que poderão ser identificados contextos favorecedores da nova forma e situações em que a forma velha é mantida. A observação da variação em uma sincronia pode, pois, apresentar dados indicadores da mudança. Os dados dos informantes mais jovens têm propensão de indicar tendências de mudança nas línguas; a observação dos falantes mais velhos, por outro lado, podem ser ricos em registros que sirvam para caracterizar a conservação de traços que caminham para o desuso. Assim, através desse estudo em que se tem acesso a amostras de fala dos dois grupos, pode-se ter um indicador de dados do passado e projeções para o futuro. Esse tipo de estudo da mudança se denomina estudo em tempo aparente (LABOV, 1994, p. 45-6). Para que se confirmem as inferências de mudança feitas nesse tipo de estudo, é necessário que se faça o estudo em tempo real, com a observação de dados de mais de uma sincronia (LABOV, 1994, p. 73). No presente trabalho, tomam-se dados do Programa de Estudos do Português Popular de Salvador, PEPP, e do Projeto NURC, décadas de 70 e de 90, para se fazer uma análise da variação da concordância de número no sintagma nominal em Salvador, BA, utilizando as duas perspectivas: através da comparação de dados de faixas etárias diferentes e do confronto entre duas sincronias.

2. Estudo em tempo aparente

Lopes (2011) faz um estudo da variação da concordância entre os elementos do sintagma nominal e toma como dados o Programa de Estudo da Fala Popular de Salvador (PEPP) e a fala universitária, utilizando os dados do NURC/Salvador. Analisando todos os dados, chegou aos seguintes resultados, na comparação entre as faixas etárias,

²³⁸ Este texto é uma produção do Projeto de pesquisa *Linguagem na Cidade: uma fotografia sócio-discursiva de Salvador*, financiado pela FAPESB.

²³⁹ Professor titular da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil; e-mail: nlopes58@gmail.com.

Faixa etária	Frequência	Peso Relativo
De 15 a 24 anos	1717/2280 75%	.49
De 25 a 35 anos	3193/3926 81%	.45
De 45 a 55 anos	3100/3896 80%	.46
> 65 anos	3241/3803 85%	.59
TOTAL	11251/13905 81%	

Tabela 1: A concordância no Sintagma Nominal em função da Faixa Etária - Sign.=.000

Pelo que se pode notar, a faixa etária mais velha é a única favorecedora do uso da concordância, pois é a que mais tende a marcar mais os elementos do sintagma nominal com o morfema de plural; a primeira faixa, os mais jovens, têm um peso relativo de concordância bem menor que os mais velhos, uma diferença de peso relativo de .12. O quadro parece caracterizar indício de mudança levando à perda de marcas explícitas. O quadro indica, então, que a concordância vai desaparecer no português brasileiro?

Ao estudar a concordância considerando as faixas etárias, Naro (1981, p. 86-7) considerou que a orientação cultural tem um efeito muito maior que a idade e, ainda, que os mais jovens são mais sensíveis a variável que os mais velhos²⁴⁰. Os seus resultados mostram tendências diferentes, apontando para diversas direções, que compõem o quadro de cidade grande, com (i) movimentos “above” (“acima da consciência”), caracterizados pelo aumento do uso da variante valorizada, como uma busca do que é valorizado, a busca pelas melhorias sociais, o distanciamento do que se considera atrasado; e com (ii) o movimento inverso, a mudança “below” (“abaixo da consciência”), a crescente influência da massa desprestigiada, através do contato, da proximidade física, sobre o que se considera prestígio (LABOV, 1991, p. 213-15). Pode-se considerar que a variável escolaridade, nesse caso, funciona de forma relativamente semelhante ao que Naro (1981, p. 86-8) observou com o estudo da variável orientação cultural, na fala do Rio de Janeiro.

Na presente pesquisa, para entender melhor essa variável, optou-se por fazer a observação separando-se os informantes por escolaridade. A tabela 2 apresenta o resultado do cruzamento entre as variáveis faixa etária e escolaridade.

Faixa etária	Fundamental		Média		Superior	
	Frequência	P. R.	Frequência	P. R.	Frequência	P. R.
15 a 24 anos	602/1037 58%	.09	1115/1243 90%	.59		
25 a 35 anos	665/1022 65%	.18	950/1253 76%	.34	1578/1651 96%	.75
45 a 55 anos	738/1209 61%	.14	1026/1241 83%	.54	1336/1446 92%	.68
> 65 anos	827/1163 71%	.35	723/920 79%	.35	1691/1720 98%	.94
TOTAIS	2832/4431 64%		3814/4657 82%		4605/4817 96%	

Tabela 2: A concordância no Sintagma Nominal em função da Faixa etária e da escolaridade - Sign.=.000.

²⁴⁰ “Note that the orientation variable has a much greater effect than the age variable. (...) The orientation variable, on the hand, reflects a resurgence in the use of this same rule that comes from within the speaker, depending upon his or her own cultural orientation. (...) I have the impression that the vicarious orientation is much more prevalent among the young than among the old”. (NARO, 1981, p. 87-8).

Nos grupos de escolaridade Fundamental e Superior, percebe-se uma tendência de redução do peso relativo das faixas etárias mais jovens, em direção aos mais velhos. Entre esses, a diferença entre algumas faixas é muito pequena, mas o quadro sugere mudança muito lenta, levando à perda de concordância (os mais velhos com mais concordância e os mais novos com menos). Apesar disso, no grupo de informantes de escolaridade média, ocorre outro fato: a faixa mais nova tem tendência a mais marcação mas, nas outras faixas, existe uma oscilação grande, demonstrando que a proximidade da relação com a escola e, ainda, a exigência da norma padrão pelo mercado de trabalho levam a primeira faixa peso relativo grande de marcar os elementos do sintagma. A faixa que segue é desfavorecedora. Na terceira faixa, apesar de corresponder a um período em que as pessoas já não têm grandes perspectivas em relação a trabalho, nesse nível de escolaridade a aplicação da regra de concordância tem um aumento de peso, mas esse se reduz bastante na última faixa, período correspondente à aposentadoria.

Comparando os dois primeiros grupos, os de escolaridade Fundamental e de escolaridade Média, grupos em que estão inseridos os falantes do português falado pela classe mais popular, nota-se que parece haver convivência de forças contrárias, aquisição e perda da concordância. No primeiro grupo, de escolaridade fundamental, constata-se uma perda, pois os mais velhos demonstram fazer mais a concordância do que os mais novos. No segundo grupo, os de escolaridade média, ocorre o contrário, os mais novos fazem mais concordância que os mais velhos, o que pode caracterizar um quadro de aquisição da regra. Naro & Scherre (1991, p. 15) apresentam uma situação em que detectam convivência de forças contrárias na variação da concordância verbal.

Ao se observar a frequência e o peso relativo da concordância no grupo de escolaridade superior, nota-se que o grupo dos mais velhos é o que tem maior probabilidade de concordância. Essa última faixa é compreendida por profissionais de nível superior que chegaram a esse nível de escolarização em uma época em que só os de boa condição econômica poderiam fazê-lo e, ao observar a influência dessa escolaridade, vê-se que essa situação envolve um aspecto: esse é um grupo formado por pessoas em que a concordância, diferentemente dos outros, parece estar no vernáculo. Estão aí talvez aqueles descendentes das antigas famílias mais abastadas da cidade, cujos ancestrais provavelmente tiveram uma história de aquisição da língua portuguesa através de dados lingüísticos primários mais próximos do português europeu, bem diferente dos elementos que caracterizam a massa popular. No geral, entre os universitários, a concordância decresce, diante do contexto lingüístico atual, ao invés de aumentar, pois os mais novos tendem a fazer bem menos concordância. Esse quadro pode ser interpretado como um indicador de mudança, tendendo a perda de marcas explícitas de concordância nesses grupos.

O fato que se constata entre os grupos das três faixas etárias do nível superior está relacionado diretamente a uma mudança no quadro educacional brasileiro, ocorrida nos últimos 30 ou 40 anos. Com a grande urbanização que ocorreu nesse período (Segundo Ribeiro (1995, p. 198), no Brasil, a população urbana, em 1940, era de 12,8 milhões de pessoas, e, em 1980, 80,5 milhões), aliada à Reforma do Ensino, com a Lei 5692, a população teve maior acesso aos bancos escolares. O acesso à universidade passou a ser possível às pessoas de classe média, apesar de toda a dificuldade ainda existente. Antes disso, apenas pessoas de grande poder aquisitivo conseguiam ter curso superior. Dessa forma, o público da universidade mudou, passou a ter características bastante diferentes do grupo restrito que frequentou a universidade na primeira metade do século ou um pouco mais.

É pelo fato relatado que, aqui, se diz que esse grupo dos mais velhos (última faixa etária) com nível superior são pessoas com uma história de vida diferente dos que não estão nessa faixa de idade.

3. Estudo em tempo real

Para observar a possibilidade de mudança entre os falantes de nível superior, numa observação em tempo real, utilizam-se, nesta pesquisa, resultados de pesquisa anterior, Lopes (2000), em que se fez análise da variação da concordância em dados do português universitário recolhidos na década de setenta, integrante do projeto Norma Urbana Culta de Salvador (NURC/SSA)²⁴¹. Em Lopes (2000), observaram-se dados do projeto NURC/70 e do NURC/90/2000, comparando-se apenas os falantes das faixas etárias de 25 e 35 anos (faixa etária 1 do NURC) e acima de 55 anos (faixa etária 3 do NURC). Aos resultados da referida pesquisa se acrescentou mais uma faixa etária, para possibilitar confronto com os dados da fala atual. Com os dados do PEPP não se pôde, no presente estudo, fazer uma análise em tempo real, pelo fato de só existirem dados de um sincronia. A seguir apresentam-se os resultados desse estudo em tempo real com dados de duas sincronias do NURC.

Faixas etárias	Década de 70		Décadas 90/2000	
	Frequência	P. R.	Frequência	P. R.
25 a 35 anos	792/829 96%	.38	1578/1651 96%	.47
45 a 55 anos	649/684 95%	.35	1336/1446 92%	.33
> 65 anos	1206/1223 99%	.67	1691/1720 98%	.67
TOTAIS	2647/2736 97%		4605/4817 96%	

Tabela 3: A concordância em função da faixa etária e do tempo – Dados do NURC 70 e NURC 90 – Sign .000.

A comparação entre as taxas de concordância nas duas épocas mostra muitas semelhanças entre os pesos das diversas faixas etárias. Nas duas amostras, a observação dos grupos dos mais velhos e dos mais novos pode ser interpretado como perda da concordância, mas nota-se que as faixas mais novas das décadas de 90/2000 demonstram crescimento em peso relativo e manutenção do mesmo percentual em relação à década de 70. O quadro parece indicar apenas uma variação etária ou geracional, não uma mudança em progresso.

Ao se utilizar análise estatística para avaliar o efeito do tempo real, chegou-se aos seguintes resultados.

Décadas	Frequência	P. R.
Década de 70	2647/2736 97%	.55
Décadas de 90/2000	4605/4818 96%	.47
Total	7252/7554 96%	

Tabela 4: A concordância em função do Tempo real – Dados dos Universitários Sign.=.012.

²⁴¹ Esses resultados foram apresentados em Congresso da ABRALIN, em 1999, no texto da comunicação intitulada *A concordância nominal no S. N. em falantes cultos de Salvador* e publicado nas atas do Congresso.

Entre as duas épocas, há uma redução, que não é grande, mas o programa estatístico de regras variáveis, o programa Varbrul, selecionou a variável tempo, ou seja, considerou que o tempo tem um efeito estatisticamente significativo sobre o fenômeno da concordância no sintagma nominal, embora a magnitude da diferença seja pequena (.08). Diante disso, a hipótese de possibilidade de mudança, surgida da observação em tempo aparente, através das faixas etárias, tem, agora, ainda mais fundamento, uma vez que, na comparação entre uma sincronia anterior e a atual, já houve a redução, que poderá continuar ou não a acontecer.

4. O estudo a partir de sobrenomes

Para apurar a análise do português popular, e tendo como hipótese de que a história de formação do povo deve ter contribuído para as especificidades do português brasileiro, lançou-se mão de uma metodologia já utilizada pelo laboratório de genética médica da Universidade Federal da Bahia²⁴²: o estudo da população a partir dos sobrenomes. Essa metodologia parte do pressuposto de que os sobrenomes religiosos da população baiana têm estatisticamente ampla possibilidade de serem descendentes da população africana escravizada no Brasil²⁴³, que assumiu sobrenomes religiosos, ao serem obrigados a se registrarem, no início do século XX.

Como o nível superior não tem condições de dar muita contribuição ao estudo da interferência dessa variável, uma vez que a amostra contém poucos sobrenomes religiosos e há nomes abreviados, não se podendo fazer adequadamente a classificação, esse grupo foi excluído da análise seguinte, cujos resultados são apresentados na tabela a seguir.

<i>Tipos de Sobrenomes</i>	<i>Frequência</i>	<i>Peso Relativo</i>
Sobrenome não religioso	3083/4071 76% P. R. .55	.55
Sobrenome religioso	3422/4813 71% P. R. .46	.46
TOTAL	6505/8884 73%	

Tabela 05: A concordância no Sintagma Nominal em função dos Sobrenomes – sem os dados dos universitários - Sign=.000

A partir desses resultados, pode-se notar que o grupo de sobrenome religioso tende a fazer menos concordância que o grupo de sobrenome não-religioso. Isso corrobora a hipótese de que os descendentes dos escravos, como adquiriram o português com modelos de segunda língua, fazem mais variação de concordância que os que não tiveram essa história de aquisição de língua. Diante de se imaginar que os mais velhos pudessem dar mais subsídios para a análise que se precisa ter dos dados, por possibilitarem um contato com uma fala ainda mais antiga, e por isso mais rica em respostas para as perguntas que se fazem sobre as razões da variação da concordância, optou-se por observar a última faixa etária, de 65 anos em diante.

²⁴² Após a implantação do referido laboratório, nos anos setenta, o grupo responsável passou a fazer um estudo de variações genéticas de enzimas e proteínas, com anotações de nomes e sobrenomes dos envolvidos, o que fez iniciar um banco de dados que chegou a 6002 nomes de pessoas. Esse material foi o ponto de partida para o trabalho que interessa para a presente pesquisa. Uma das observações iniciais era a alta frequência, em Salvador, de alguns sobrenomes, como Jesus e Conceição, raros em outras populações portuguesas.

²⁴³ Sobrenomes religiosos comuns nessa população: Aflitos, Ajuda, Amor Divino, Amparo, Anjos, Anunciação, Arcanjo, Assis, Assunção, Batista, Bispo, Boa Morte, Bonfim, Cardeal, Carmo, Chagas, Conceição, Cruz, Encarnação, Espírito Santo, Evangelista, Hora, Jesus, Luz, Mercês, Natividade, Nascimento, Paixão, Palma, Passos, Piedade, Prazeres, Purificação, Ramos, Reis, Ressurreição, Rosário, Sacramento, Santana, Sant'Anna, Santa Rita, Santiago, Santos, São Pedro, Socorro, Soledade, Trindade, Virgem, Virgens, Xavier. (AZEVEDO & FORTUNA, 1983; TAVARES NETO & AZEVEDO, 1978).

Os dados da tabela 05 parecem indicar que, no grupo do português popular, aqui considerado o formado pelos níveis de escolaridade Fundamental e Média, existe relação entre a origem étnica, aqui analisada através dos sobrenomes, e a variação da concordância: as pessoas descendentes dos africanos tendem mais a usarem a variante zero de plural, no Brasil.

Tipos de sobrenomes	<i>Frequência</i>	<i>Peso Relativo</i>
Sobrenome não religioso	905/1080 84%	.68
Sobrenome religioso	645//1003 64%	.31
TOTAL	1550/2083 74%	

Tabela 06: A concordância no Sintagma Nominal em função dos Sobrenomes – apenas o grupo da última faixa etária - Sig.=.000.

Mas o condicionamento não ocorre da mesma forma em todas as faixas etárias (tabela 07). É mais forte, com oposição maior entre os fatores, na última faixa etária do que no grupo como um todo. Apesar de não se ter previsto inicialmente que essa variável tivesse tão grande relação com o fenômeno em estudo, ela ficou bem clara no grupo de falantes de maior idade, de 65 anos em diante.

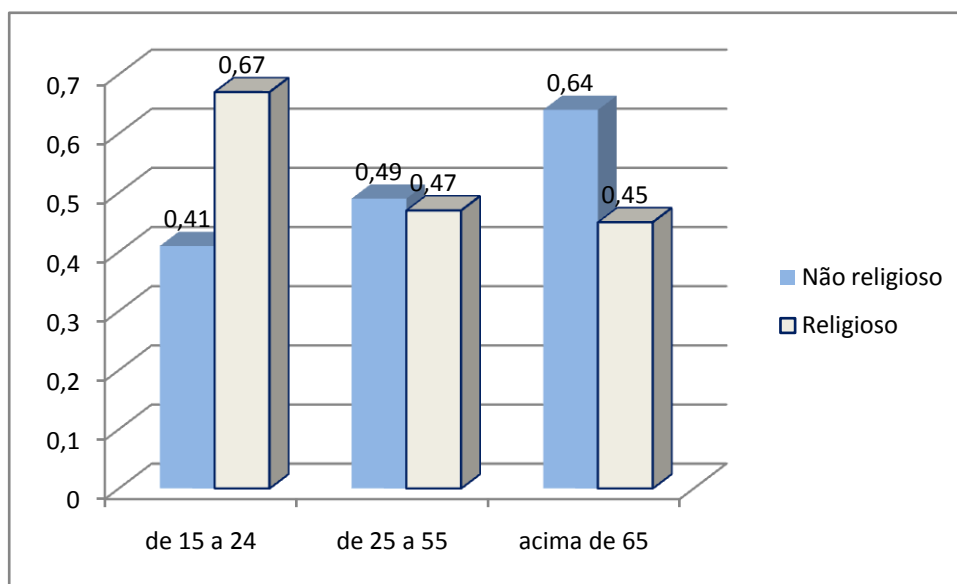
Explorando separadamente os grupos de sobrenome, em todas as faixas etárias, e analisando a relação entre a faixa etária e a concordância, chega-se a um resultado interessante. A tabela 07 mostra os resultados encontrados, que indicam que os dois grupos revelam situações diferentes, em relação ao fenômeno da concordância. Os informantes de sobrenome religioso, aqui considerados como de descendência negra, estão adquirindo a regra de concordância, ao invés da perda: os mais jovens estão fazendo mais concordância que os mais velhos, o que parece indicar um processo de mudança em andamento.

Faixa etária	Não religioso		Religioso	
	Frequência	P. R.	Frequência	P. R.
De 15 a 24	1059/1499 71%	.41	658/781 84%	.67
De 25 a 55	1119/1492 75%	.49	2119/3029 70%	.47
> 65 anos	905/1080 84%	.64	645/1003 64%	.45
TOTAL	3083/4071 76%		3422/4813 71%	

Tabela 07: O efeito da Faixa etária na concordância no sintagma nominal – comparação entre os grupos de sobrenome - Sign. .000.

Ao contrário dessa aquisição da concordância, ocorre o inverso no grupo de sobrenome não religioso: os mais velhos fazem mais concordância e os mais jovens tendem a fazer menos, o que pode sugerir que o grupo está em processo de apagamento da regra, ou perda da concordância. Nesse grupo, as faixas mais novas são desfavorecedoras da concordância; na terceira, há favorecimento mesmo sendo período provavelmente de mais inatividade em relação ao trabalho produtivo.

Gráfico 1: O efeito da Faixa etária na concordância no sintagma nominal – comparação entre os grupos de sobrenome



As análises feitas com os grupos de sobrenome mostraram uma relação de sobrenome não religioso e mais concordância e sobrenome religioso menos concordância. Como, neste trabalho, através do estudo dos sobrenomes estuda-se a contribuição dos descendentes dos africanos escravizados no Brasil, este texto constata usos diferentes relacionados à sócio-história do português brasileiro.

5. Considerações finais

Este texto buscou analisar o efeito do tempo na realização da concordância nominal de número no português brasileiro, utilizando dados de Salvador, Bahia. No estudo em Tempo Aparente, não se chegou a resultados claros considerando cruzamentos entre Faixa Etária e Escolaridade. Ao se incluir a variável Sobrenomes, notou-se que a variável estudada, na fala de Salvador, demonstra duas tendências diferentes, referentes a grupos com história de aquisição de língua diferentes: os descendentes de africanos escravizados no Brasil e os que não fazem parte desse grupo. Como no grupo de sobrenome religioso - considerado composto por descendentes de africanos escravizados no Brasil - constata-se maior realização de sintagmas com marcas de plural nas faixas etárias mais novas e menor realização de marcas nas faixas mais velhas, considera-se que esse grupo demonstra aquisição da regra de concordância, não perda. Fenômeno contrário é percebido, através da observação no tempo aparente, no grupo de sobrenome não religioso, pois nesse grupo o peso relativo da concordância sobe à proporção que os falantes têm mais idade, revelando que o grupo tende a reduzir a realização da concordância. Esses dados mostram exatamente a mistura de influências em diversas direções que compõem o quadro de cidade grande, com movimentos “*above*” (“acima da consciência”), caracterizado pela busca do que é valorizado, a busca pelas melhorias sociais, o distanciamento do que se considera atrasado; e com o movimento inverso, a mudança “*below*” (“abaixo da consciência”), a crescente influência da massa desprestigiada, através do contato, da proximidade física, sobre o que se considera prestígio (LABOV, 1991, p. 213-15). Pode-se considerar que a situação é de certa forma semelhante ao que Naro & Scherre (1991) consideraram como ‘fluxos e contrafluxos’ na fala do Rio de Janeiro.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Eliane & FORTUNA, Cristina M. M. The reconstruction of cultural history and racial mixing from the meaning of family names in Bahia, Brazil. *Quaderni di semantica*. Vol IV, No. 1, June 1983.
- LABOV, William. *Building on empirical foundations*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1982.
- LABOV, William.. *The intersection of sex and class in the course of linguistic change*. Cambridge University Press, 1991.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- LOPES, Norma da Silva. Concordância no sintagma nominal em Salvador, Bahia: um estudo em tempo real. Comunicação apresentada no *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*. Évora: Universidade de Évora, 2000.
- LOPES, Norma. *A fala baiana em destaque: a concordância nominal no português de Salvador*. ELS Études linguistiques / Linguistische Studien (6). München: Peniope, 2011.
- NARO, Anthony N. The social and structural dimensions of a syntactic change. In *Language*, V. 57, n° 1. Cambridge, Cambridge University Press, 1981.
- NARO, Anthony N. & SCHERRE, Maria Marta P. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (20): 9-16). Campinas: Unicamp, Jan./ Jun. 1991.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TAVARES NETO, José & AZEVEDO, Eliane. Family names and ABO blood group frequencies in a mixed population of Bahia, Brasil. *Human biology*. Vol 50, No. 3, p. 361-367. Wayne State University Press, 1978.